

5 Capítulo IV: E A SEDA AZUL DO PAPEL QUE ENVOLVE A MAÇÃ. O CAMPO REVISITADO

A franja da encosta,
cor de laranja, capim rosa-chá.
O mel destes olhos, luz!
Mel de cor ímpar.
O ouro ainda não bem verde da serra,
A prata do trem.
A lua e a estrela,
Anel de turquesa.
Crianças cor de romã entram no vagão.
O oliva da nuvem chumbo ficando pra trás a manhã.
E a seda azul do papel que envolve a maçã.
(Caetano Veloso)

Moradora de um bairro calmo em Niterói preciso atravessar a baía de Guanabara para chegar até uma das cadeias pesquisadas: O Presídio Feminino Talavera Bruce, em Bangu, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.

No entanto, antes mesmo de nele chegar já estou bem perto. Não só pelos sinais de pobreza que transitam cotidianamente em nossas vidas marcando a diferença entre os incluídos e os que ficam de fora da farta ceia oferecida pela dinâmica do capital. Não só assim, mas na contramão disto.

De Santa Rosa, bairro de Niterói em que moro, até Bangu são exatamente 2 horas e 55 minutos. Indo de ônibus.

Ao sair de casa, acendo uma vela para São Jorge – é preciso estar protegido pelo caminho. Em seguida, me vejo na rua, numa manhã ainda escura. Abençoada pela lua que ainda está no céu, percebo algumas estrelas já tímidas pela proximidade do sol e procuro, pacientemente, o cruzeiro do sul: é preciso ter norte nesta vida!

Ônibus é assim: muitas pessoas, muitas vidas que silenciosamente parecem seguir seu destino. Como se houvesse um destino para ser seguido. Lembro do título de um filme que está em cartaz: *“A pessoa é para o que nasce”*. Será? Será que somos para o que nascemos? Não entendo esta afirmação, preciso ver o filme.

Contemplativa, saio da imagem do filme e fico imersa no cenário do amanhecer visto da ponte Rio-Niterói. Sinto-me dentro de um quadro pintado por

um artista famoso. Ou, pelo efeito das cores, me sinto dentro de um filme de Almodóvar, ou trafegando numa canção de Caetano Veloso que relata, minuciosamente o trajeto de um trem.

E a seda azul do papel que envolve a maçã. Quem nunca viu uma maçã envolvida por um papel de seda azul? Forma delicada e eficiente de apresentar as maçãs. Já que elas precisam ser apresentadas que sejam com papéis de seda azul. Poderiam ser apresentadas em caixas de madeira ou enroladas em papel de pão, até mesmo com jornais marcadas pelo “nanquim” de suas notícias.

Eu escolho a seda, *seda azul do papel que envolve a maçã*. E num papel de seda azul me proponho apresentar minha pesquisa de campo. E cunho, a partir da *seda azul do papel que envolve a maçã* o tratamento estabelecido com o campo de estudo. As vidas aqui apresentadas não serão biografias de delinquentes, ao contrário, serão vidas delicadamente apresentadas. E nesta apresentação não seremos tomados por forças semelhantes aos dos delitos e sim por outras forças que numa perspectiva foucaultiana: *fazem viver e não deixam morrer* (FOUCAULT, 2002-a, p. 285). Legitimada pela apropriação que faço desta frase de Michel Foucault, revindico aqui a possibilidade de me tomar de azuis:

Aquele tom azul, quase inexistente, azul que não há, azul que é pura memória de algum lugar. (Caetano Veloso – Trem das Cores)

E tomada por esta memória recupero o azul que guardo nas minhas memórias de graduação. E lá de longe, num tom azuladamente brilhante, vejo Cláudio Ulpiano, grande professor de filosofia, lembrado na citação de Bastos (2002):

Numa de suas belíssimas aulas ele se dirigiu a alguns alunos do curso de psicologia e perguntou: “- O que vem a ser a psicologia?” “Para que serve?” Ante a nossa confusão, perplexidade e demora, Cláudio Ulpiano nos disse: “- Depende das forças que se apoderam dela! Coloquem suas forças em batalha para produzirem uma psicologia afirmativa” (p. 58)

Afirmção da vida! Naquele momento assistia a afirmação da vida. Ali mesmo onde a vida começa: nas manhãs! E é lambuzada de manhãs que inicio este capítulo e porque não dizer, esta tese. Acredito que só construímos perspectivas futuras quando somos possuídos por manhãs. Contaminei-me de manhãs: de falas, de sorrisos, de histórias, de memórias, de vidas. Uma pesquisa participante foi o que fiz? Sim, talvez. Todavia não me preocupei em conceituar

o que observava, não separei em categorias, não tenho a ilusão confortável de que a vida na cadeia, as tantas vidas ali circulantes, possam ser categorizadas. Entrei na cadeia buscando responder uma pergunta: Quais os projetos futuros das mulheres ao sair da cadeia? Há formulação de projeto futuro? Fiz mais de 154 entrevistas gravadas com meu velho gravador. Entretanto, eu era um elemento estranho ao entrar naquele espaço. E eu, enquanto estrangeira, fui observadora informal de inúmeras situações. Enquanto estrangeira, naquele espaço sei que inúmeras respostas já “prontas” me foram dadas em função deste meu lugar “de fora”:

É bem possível que algumas das pessoas entrevistadas tivessem opiniões individuais divergentes das idéias e crenças típicas de seu bairro. Mas as entrevistas de tipo convencional são métodos aproximativos de avaliar as atitudes e opiniões das pessoas. Raramente fazem mais do que arranhar a superfície. Em comunidades como essas, era de se esperar que, em entrevistas com pessoas relativamente estranhas, os entrevistados fossem mais propensos a exprimir a idéia-padrão do que quaisquer opiniões individuais que se desviassem destes padrões. (ELIAS, 2000, p. 54)

Assim, pretendo relatar o campo. Um relato respeitoso com cada mulher. Respeitoso e cuidadoso, assim como *a seda azul que envolve a maçã*, estabeleci com as vozes e impressões um cuidado especial. Antes mesmo do leitor, este relato já fora lido para as mulheres presas. Só serão abordados os assuntos autorizados pelas mulheres presas. E tais assuntos estão sendo convertidos em “oficinas” que farei com as mulheres do Talavera Bruce ao longo de 2006.

Ao longo dos 28 meses em que estive no espaço penitenciário para a construção da pesquisa, era evidente a elaboração de linhas de fuga. Linhas estas que tentavam buscar uma criação singular diante de tamanho apaziguamento das forças pulsantes. Apaziguamento este que tem como objetivo construir “corpos dóceis” e marcar a exclusão social: função maior da cadeia. Há linhas de fugas sendo construídas diariamente na cadeia, todavia há também o desejo explícito que a imagem de mulheres presas não esteja associado ao “mau”, a dita “bandidagem” e nem tampouco ao “feio” e ao “descuidado”. Como se precisassem “higienizar” suas imagens. As mulheres presas internalizam uma certa idéia que associa o “higiênico” ao civilizado. Uma vez civilizado, supostamente mais aceitável socialmente. Inúmeras vezes fui convidada para visitar suas celas para que eu visse o quanto eram “limpinhos” seus pequenos espaços. Muitas faziam faxinas para que eu visitasse. Quando eu entrava e

sentava em suas camas havia um orgulho expresso no olhar, no sorriso e nos comentários com outras presas e agentes penitenciárias. Precisavam contar que eu havia bebido água no seu copo ou que eu havia ficado um tempo significativo na cela desta ou daquela.

A minha entrada nas celas era cercado de cuidados e mimos por parte das presas que sempre me ofereciam o que tinham de melhor. Sempre mostrando seus pequenos objetos de valor: uma pequena tv, um ventilador quebrado que haviam ganhado, um shampo cheiroso, um sabonete. Lembro ao leitor que estes objetos de uso pessoal tais como sabonete, shampo e outros são artigo de alto luxo no presídio. Um sabonete “Lux de Luxo” que custa menos de um real na farmácia é marca de *status* dentro do presídio. Um shampo “Seda” é altamente cobiçado por todas. Quando algum familiar consegue driblar a pobreza e levar um só artigo deste para uma das mulheres há uma partilha do mesmo. O sabonete se divide em seis unidades no qual a embalagem fica guardada com uma das mulheres. Algumas exibem as embalagens de sabonete que guardam em seus armários. Uma delas já me ofereceu a embalagem de um sabonete “Phebo”, tratava-se de uma oferenda preciosa dentro do presídio, signo de muito afeto e carinho. Pequenos fragmentos de afeto. E se eram afetos, me afetavam. Me afetei por seus sofrimentos e dores. Meu fascínio consistia na intensidade de suas vidas, suas pobres e esquecidas vidas:

Vidas singulares, tomadas por não sei quais acasos, estranhos poemas, eis o que eu quis juntar numa espécie de herbário. (Foucault, 1977-a, p. 204)

Traduzir os “mimos”, decodificar os afetos. Como seria possível? Eram, como já disse, Foucault (1977-a) estranhos poemas. Havia nesta alegria em me mostrar sua cela “limpinha” algo de muito triste. Transformar esta tristeza em ação no mundo era sempre meu alento ao sair de cada cela. Elas que tanto se empenhavam em me agradar, elas nada podiam ter de mim. Eu sim, precisava delas, suas dores me moviam:

Ora, o que esses intelectuais descobriram depois da recente arremetida é que as massas não necessitam deles para saber, elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor que eles; e elas o dizem muito bem. Mas existe um sistema de poder que barra, interdita, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não está apenas nas instâncias superiores da censura, mas que enterra muito profundamente, muito sutilmente em toda rede de sociedade. (FOUCAULT, 1972-a, p. 39)

Quando o assunto é sistema carcerário, há um desejo acadêmico que o estudo seja regado de “sangue” e denúncias. Esta é minha denúncia: as mulheres presas são mulheres. Mulheres que cometeram delitos (não cabem a nós julgá-las) e que vêem na maternidade uma tática para construção, ainda que fictícia, de um projeto futuro.

Enquanto uma estratégia metodológica busquei uma categoria que fosse recorrente em todas as falas, uma possibilidade de formulação de um conceito de uma certa categoria de pessoas (ELIAS, 2000). E esta só foi possível quando a resposta a minha pergunta se dava em função da maternidade. O tema da maternidade era a resposta a pergunta acerca das perspectivas futuras. Algumas nuances individuais foram observadas, mas tais nuances são por demais singulares. Estão pautadas em duas vertentes: as presas que tem seus filhos “criados” e, portanto, sentem-se amparadas ou desamparadas pelos mesmos e as presas cujos filhos são menores de idade cujo paradeiro e bem-estar é a tônica de seus projetos futuros.

Não adianta nada o “Viva Rio” vir aqui no Natal se a gente não sabe se nossos filhos vão ter o que comer o ano inteiro. (Clarice – Interna do Talavera Bruce)

A angústia é sempre presente quando o assunto são os filhos. Transcrever tais angústias é, por deveras, difícil. Uma vez que uma coisa era o que falavam frente ao gravador, outras eram o que diziam os rostos, as lágrimas, o desânimo ante a ausência da visita de um filho. Ou a “fala” presente na preocupação com o paradeiro ou o destino conferido pelo juiz aos filhos menores. E a angústia em sua antítese, se fazia presente nas falas e na elaboração de uma possibilidade de vida fora da cadeia.

5.1. O Cotidiano Prisional

A pesquisa foi feita em três estabelecimentos prisionais: Presídio Feminino semi-aberto Romeiro Neto, Presídio Feminino Nelson Hungria e Presídio Feminino Talavera Bruce. O Presídio Romeiro Neto foi extinto. E o Nelson Hungria, que na época da pesquisa ficava na rua Frei Caneca (centro da cidade), atualmente está associado ao complexo penitenciário de Bangu (periferia da cidade). A maior parte da pesquisa, entretanto, foi realizada no Presídio Talavera

Bruce, dada a abertura da direção do mesmo à pesquisa. Após os meus comentários (meu olhar) acerca da cadeia, utilizei de entrevistas de algumas presas para apresentar ao leitor a especificidade de cada cadeia visitada. As entrevistas apresentadas foram escolhidas a partir de temas abordados. Ou seja, minha escolha se deu em função de algumas falas que eram características da realidade apresentada.

5.1.1. O Presídio Feminino Romeiro Neto

O trânsito no Romeiro Neto foi bastante dificultado pela direção. Tratava-se de um presídio localizado em Niterói, região reconhecida como local dos semi-abertos (feminino e masculino). A localização do mesmo já foi descrita anteriormente. Tratava-se de uma grande casa com muitas árvores, aparentemente um ambiente tranquilo de final de pena. Mas que escondia a pior cela¹ de “castigo” do sistema carcerário do Rio de Janeiro. Cella esta descrita no relato do caso já citado. As mulheres que lá estavam se recusaram a falar comigo e quando o faziam tinha que ser na presença da psicóloga. Mais tarde, com a intervenção do Romeiro Neto pela Comissão dos Direitos Humanos, pude saber que havia represálias para quem demonstrasse algum tipo de descontentamento.

Sobre o cotidiano naquele espaço, pude apenas constatar que as presas podiam entrar e sair, tendo apenas que respeitar um horário para retornar. Constatei, entretanto, que estas saídas eram dificultadas pela psicóloga que, em seu olhar panóptico, só considerava lícita e “saudável” a saída de algumas mulheres, em detrimento de outras. Quando perguntei o motivo de algumas terem tido seu direito de semi-aberto suspenso a mesma não me respondeu. No dia seguinte, fui impedida de dar continuidade à pesquisa no Romeiro Neto.

¹ Uma vez descumprida medidas disciplinares, há uma gradação para a punição. A cela de castigo (também conhecida por “solitária”) é a última medida disciplinar a ser dada, seguindo a LEP (Lei de Execução Penal).

5.1.2. O Presídio Feminino Nelson Hungria

O Presídio Nelson Hungria, quando no momento da pesquisa, ficava localizado na rua Frei Caneca (região central da cidade) no mesmo complexo penitenciário do Presídio Masculino Lemos de Brito. As janelas da galeria da prisão feminina ficavam próximo de algumas janelas das galerias da prisão masculina. Havia comunicação visual entre as duas prisões: masturbações simultâneas entre os presos e as presas nas janelas gradeadas das respectivas celas, troca de olhares no pátio, festas nas quais os presos e presas podiam estabelecer contato. Não soube, entretanto, de nenhuma notícia sobre visitas íntimas entre os presos do Presídio Feminino Lemos de Brito e as presas do Presídio Nelson Hungria.

O Nelson Hungria mantinha as presas enclausuradas 24 horas do dia, podendo circular pelo presídio somente as que por bom comportamento possuem alguma atividade laborativa. Estas são chamadas de “faxina”. As demais ficavam dentro de celas coletivas com 12 mulheres aproximadamente.

A rotina do Nelson Hungria era muito repetitiva, havia conferência das presas três vezes ao dia. Esta conferência era chamada, no sistema carcerário de “confere”. O “confere” consistia na chamada do nome de cada presa e esta, no Nelson Hungria, devia estar próximo de cada cama. As que dormiam nos beliches no andar de cima ficavam ao lado da cama, em baixo. Elas precisavam ser vistas e deviam responder a uma chamada que ocorria nos seguintes horários: às oito horas da manhã, às onze e meia da manhã (horário do almoço) e às dezessete horas, horário em que todas, até as “faxinas” são recolhidas.

As “faxinas” não só cuidavam da limpeza da cadeia, elas cozinhavam ou trabalhavam na enfermaria. Ser “faxina” numa cadeia, seja feminina ou masculina, significa *status* entre os detentos, assim como significava que estavam mais próximas de uma recuperação.

Uma vez que só as “faxinas” podiam circular, pude entrar em algumas celas, contudo não podia entrar com gravador. As celas nas quais era permitida a minha entrada eram as celas “evangélicas”. Na cadeia feminina, as celas das evangélicas são as consideradas mais calmas e seguras. Nestas não há *funk* e nem tampouco há circulação de drogas. Cabe lembrar que muitas presas são evangelizadas pelas

inúmeras igrejas protestantes que, cotidianamente, adentram o espaço prisional. Muitas presas que se diziam evangélicas, na verdade professavam a fé porque não queriam estar envolvidas no tráfico que ocorria dentro da cadeia, porque queriam estar longe do crime ou porque queriam dormir durante a noite. Coisa difícil, já que o *funk*² impedia a pernoite nas celas não evangélicas. E o funk no Nelson Hungria tornava-se um comunicador com o Presídio Masculino Lemos de Brito, já que haviam festas à distância no qual, segundo a fala de uma presa: “rolava de tudo”! Os presos e presas do Complexo Frei Caneca transpunham a distância entre os dois presídios através do som do *funk* e da afirmação que tais letras faziam. Naquela época (2002) o Presídio Lemos de Brito era um presídio no qual eram presos os pertencentes do Comando Vermelho (CV). Nesta facção, às seis da tarde, havia uma reverência ao espírito do fundador da facção, designado RL. Às seis horas da tarde a facção do Comando Vermelho reverenciava, falando todos numa só voz: “Paz, Justiça, Liberdade, Comando Vermelho, RL, Fé em Deus, Fé nas Crianças”.

A chamada oração do Comando Vermelho foi introduzida nas cadeias por Ricardo Duram, que desde a época da Ilha Grande dizia para os presos que eles tinham que tirar pelo menos um minuto por dia para pensar em Deus, na família, nos companheiros do crime. Nos dias em que algum irmão morre, a oração e o tempo são maiores, chegando a durar cinco minutos. (LUDEMIR, 2002, p. 37)

As minhas informações sobre a cadeia masculina são precárias, dado que meu campo de pesquisa ter sido a cadeia feminina. O pouquíssimo que sei é através da voz das presas do Nelson Hungria, na época em que ele ficava situado no Complexo Frei Caneca e sua conseqüente aproximação do presídio masculino.

As entrevistas do Nelson Hungria não puderam ser gravadas, somente transcritas. Eu pude ficar a sós, numa sala com as presas durante as entrevistas, o que já se constitui, para mim, naquele momento, um avanço na minha pesquisa. Uma vez que no Presídio Romeiro Neto até isso me foi impedido. No Nelson Hungria minha circulação era tutelada por agentes carcerários. Em nenhum momento pude ficar sozinha nas celas ou nas dependências do presídio. O único momento em que pude ficar sozinha com as presas foi no momento das entrevistas.

² Por escolha pessoal utilizei a palavra “funk” ao invés de “fanque”, que seria mais abrigado.

A seguir transcreverei uma entrevista realizada no Nelson Hungria. Escolhi esta entrevista pelo fato da entrevistada, naquele momento, está se relacionando com um preso do Presídio masculino Lemos de Brito e assim demarcar a especificidade do cotidiano prisional dada a aproximação do Nelson Hungria do Lemos de Brito.

As entrevistas apresentarão em negrito a minha fala e em itálico a fala das presas.

Entrevista com Pâmela.

Pâmela está no início da pena, com 3 anos de reclusão cumpridos, sendo 2 anos cumpridos na delegacia, antes do julgamento e 1 ano no Sistema Penitenciário Feminino Nelson Hungria.

A entrevistada escolheu ludicamente este nome. O nome foi escolhido a partir de um seriado norte-americano exibido nos anos 80 na TV Globo, cujo nome era “Dallas”. Pâmela pediu para ser entrevistada, uma vez que me via no Nelson Hungria conversando com outras mulheres reclusas. O resto, prefiro que Pâmela mesmo conte:

Nasci em Mangaratiba. Fui criada com uma senhora que pensei que fosse minha avó. Nunca pensei em minha mãe. Uma vez, quando eu estava num ônibus, minha madrinha falou que a cobradora era minha mãe.

Minha vida com minha avó era boa, eu tinha uma vida boa financeiramente. Estudei até a 5ª série e me lembro que tinha até professora particular.

Quando eu tinha 14 anos engravidei do grande amor da minha vida. A mãe dele achava que eu queria segurar ele. É que ele estava entrando na Marinha. Ela achou que eu queria ficar bem de vida.

Minha avó ficou chateada no começo mas depois aceitou. Quando minha avó morreu tentei me aproximar da minha mãe, cheguei a morar com ela e com minha filha que na época tinha menos de 6 meses.

Aí, nesta época, comecei a namorar um rapaz que foi uma coisa muito engraçada. Começamos a namorar quando ele me pediu para eu ir com minha filha ao churrasco. Isso porque minha mãe ficou com raiva disso, quando voltei do churrasco ela mandou eu levar meus panos de bunda para casa dele. Aí ele me pegou e me levou para casa dele. Morei com ele 7 anos e meio.

Pergunto se ela foi feliz com ele.

Olha, ele nunca me deixou faltar nada e nem nunca levantou a mão para mim. Fomos morar, de princípio, num quartinho na casa do pai dele. Depois ele fez uma casa de aguada no quintal da casa do pai dele.

Pergunto o que é aguada, a mesma responde que é uma casa feita de cimento grosso e chão batido.

Ele era o marido que pedi a Deus. Engravidei e perdi um casal de gêmeos quando estava com 4 meses de gravidez. Não engravidei mais porque estava fraca e tinha que fazer um tratamento. Me separei porque, depois de 7 anos, Luan me traiu. Todo mundo me falava, ele estava com um comportamento diferente. Antes era de casa para o trabalho e só saía comigo e com a Flávia (filha de Pâmela)

Nós tínhamos 3 carros na garagem. Ele era frentista e vendedor de carro. A gente vendia laranja e peixe com microfone e tudo.

Num dia, nós fomos para praia, eu lavei o carro dele para ele se encontrar com outra. Eu arrumei minha filha e fui atrás. Peguei! Peguei ele saindo da casa dela. Ele estava com duas mulheres. Aí eu perguntei: qual das duas? Ele respondeu: ela! E esta com ela até hoje.

Quando me separei voltei para casa da minha mãe. Nesta época o meu cunhado se separou da minha irmã, aí foram dizer que eu e ele tínhamos separado porque estávamos juntos.

O Luan estava frequentando um barzinho em frente a casa da minha mãe. Acho que ele queria me vigiar. Um dia, pediu para eu voltar me raptado. Só que antes ameaçou meu cunhado e foi me pegar de carro na casa da minha prima. Ficou o dia inteiro rodando de carro dizendo que se eu não voltasse para ele, ele ia jogar o carro no barranco. Eu não voltei, pedi um tempo para pensar. Quando a gente estava retornando ele viu o carro daquele meu cunhado em frente a um motel perto da casa da minha mãe. Aí ele deu um cavalinho de pau. Dentro do carro, na frente do motel, estava minha mãe e minha filha. O carro da polícia estava lá porque minha mãe já tinha dado parte do meu desaparecimento.

Fui embora com meu cunhado, minha mãe e minha filha. Fiquei pensando naquela confusão toda. Minha mãe me contou que estavam dizendo que eu estava com meu cunhado.

Um dia, meu cunhado veio me convidar para ir a uma festa. Fui eu, meu cunhado, minha irmã e um amigo do meu cunhado.

Luan me vigiava 24 horas do dia. Poxa! Ele me vigiava mas não ia até o final para ver que não tinha nada haver.

Aí, nesse meio tempo, meu cunhado se declarou: falou que estava apaixonado e que queria morar comigo. Falei que não. Ele me segurou no braço e tascou aquele beijo! Aí já começaram a falar que eu já estava morando com ele. Aí me criou uma revolta, convidei, então, ele para morar comigo. Nessa época eu já tinha uma casa que fiquei da separação de Luan. Só que meu cunhado entrou numa 3ªfeira e saiu na 6ªfeira.

Por que? Pergunto. O que houve? (Pergunto sorrindo)

A festa foi boa, transamos muito. Mas foi coisa rápida, coisa de corpo. Vinha uma coisa de culpa. Tanto que ele voltou para minha irmã, teve mais um filho e eu não voltei para o Luan.

Aí eu comecei a sair, a conhecer gente. Acabei reencontrando um antigo namorado. Ele era filhinho de papai: não gostava de fazer nada, trabalho pra ele não existia. A família dele tinha dinheiro. Ele me apresentou a uns 3 rapazes amigos dele. Eles já haviam bolado esse assalto.

Eu, em nenhum momento, falei do delito nem tampouco fiz menção ao mesmo.

Perguntaram se eu queria dirigir um carro para ganhar dois mil reais. Eu não tava tendo apoio da minha família. Eu estava precisando de dinheiro e era só dirigir um carro.

A minha mãe me cobrava muito, ela queria que as filhas sustentassem ela. Eu estava morando num kitnet porque minha mãe tinha me tomado a minha casa. Ela queria que eu vivesse nos pés dela. Minha filha dizia: tô com fome! Eu vou dar o quê? Aí apareceu este cara me oferecendo dois mil só para colocar e tirar o carro. Você sabe qual foi meu crime?

Não, eu respondo.

Peguei 157.

Não sei, qual é a referência? Pergunto

Latrocínio, assalto seguido de morte. Sabe quem me entregou a polícia? Minha prima. Fiquei dois anos na delegacia. Fiquei sabendo por um advogado que eu tinha pego 25 anos. O promotor recorreu para minha pena aumentar. Não tive defesa, fui sumariar e ouvir a testemunha de acusação.

As vítimas eram pessoas conhecidas em Mangaratiba. Uma das vítimas era mãe de santo de um dos rapazes. Os outros participantes confessaram que eles que mataram e que minha única participação foi colocar e retirar o carro.

Pamela muda de assunto repentinamente.

Eu fiquei louca pra vir pra cá (se referindo ao presídio). Porque lá na delegacia a gente dorme no chão, não faz nada, fica trancada. Todo mundo dizia que aqui no

presídio era melhor. Falavam que eu ia poder trabalhar e pegar remissão de pena.

Logo que vim, trabalhei na cozinha. Foi ótimo. Agora estou no ambulatório. Adoro vestir branco e descer para o ambulatório. Me arrumo direitinho. Ta vendo meu cabelo? Eu pinto todo mês.

E quem corta seu cabelo? Pergunto

Uma cabeleireira que está aqui. Ela corta o cabelo até da “X” (uma detenta famosa pela mídia). Ah, sabe a X? Viu no fantástico uma mão? Viu uma manicure? Era eu. O rapaz que veio filmar, filmou eu passando creme nas minhas mãos, mas só passou minha mão na televisão, foi rápido. To com 30 anos, já pensou se eu sair daqui acabada? O defensor está recorrendo, vai para Brasília e eles estão pedindo para cair a pena. Sou primária, tenho bons antecedentes.

E o que vai fazer quando sair daqui? Pergunto

Vou reconstruir minha vida. Me correspondo com uma pessoa maravilhosa. Maravilhosa não. Super Maravilhosa. Ele é da Lemos de Brito.

(No antigo complexo penitenciário, extinto em 2003, o presídio feminino, Nelson Hungria, era vizinho do masculino, Lemos de Britto)

A gente se vê. Ele é faxina também.

“Faxina” são os presos que têm bom comportamento e são responsáveis pela manutenção do presídio. Estes têm status dentro do sistema prisional e gozam de maior liberdade, não ficam encarcerados e podem circular pelo presídio.

Ele me dá tchau lá da porta da Lemos de Britto. Manda beijinho. Conheci ele quando ia para o HCP (Hospital Central do Presídio). Bati o olho nele e me apaixonei.

Sabe, queria ter minha casa, poder terminar de dar o que eu dava para minha filha: amor, carinho, compreensão. Explicar pra ela. Sabia que ela me defende? Coitado de quem falar mal de mim. Ela tem muitos problemas na escola por minha causa, qualquer coisinha que ela faça, vão logo falando que a mãe dela está na cadeia, que é uma criminosa. Um dia desses aí, ela brigou com uma amiga, aí a mulher do SOE foi falar pra ela que se ela continuasse assim, ela ia ficar como eu. Imagina... Pode isso? Aí ela xingou a mulher do SOE. A diretora queria expulsar ela da escola. Ela veio aqui me visitar, contou tudo, fiquei irada. Sou mãe dela, não sou? Então, escrevi uma carta para a diretora. Pena que joguei o rascunho fora. A X me ajudou a colocar as leis, é proibido, por lei, qualquer discriminação, sabia? O resto, as coisas de coração de mãe, eu coloquei. Ficou bonito. Me emocionei muito. O pior é estar trancada aqui e ver minha filha, que já está uma mocinha, tento que responder lá fora por tudo. A coitada não pode dar um espirro que o espirro dela é igual ao meu. Espirro de assassina! Isso eu não agüento. (CHORA COPIOSAMENTE) Ela quer estudar para entrar na Marinha. Ela estuda direitinho, tem o material todo arrumadinho. Vai toda arrumadinha para a escola, cheirosa e limpa. A sociedade é muito cruel, Neilza. Imagina, o que ela têm haver com que eu fiz? Ela é tão menina, tem uma vida pela frente. Você tem filhos?

Eu digo que não.

Quando você tiver você vai ver, ninguém pode ralar a mão no seu filho que é pior do que se fosse com a gente.

Quero sair daqui, procurar minha prima que está com minha filha. Tentar reconstruir tudo, ter um trabalho, aí quando eu tiver alguma coisinha eu pego ela pra mim. Ela é tudo na minha vida. Se ela não existisse eu já tinha me matado aqui dentro. Quero sair daqui e fazer um curso de enfermagem. Trabalho no ambulatório e gosto mundo do trabalho. Quero ter meu canto e tentar achar um amor. Eu tive pensando em construir minha vida com este rapaz da Lemos de Britto. Ele me mandou uma carta perguntando se eu queria encher o vazio da vida dele. Quer que eu pegue as cartas dele para você ver?

Pega, quero ver! Eu respondo. Daí, ela foi até a cela pegar. Trouxe uma pasta rosa, transparente, toda organizada, com todas as cartas que recebe do rapaz da Lemos de Britto. Ela me oferece a pasta. Eu digo que são cartas pessoais, não vou me sentir bem lendo. São coisas suas, falo.

Que nada, aqui na cadeia não têm coisas nossas não, Neilza.

Ah, mas para mim tem sim, não vou ler. Leia os trechos que você achar mais legal para mim. Posso transcrever aqui o que você for lendo? Ela responde sim, com um sorriso e com a cabeça. Ela inicia a leitura das cartas.

“... são onze horas da noite, acabo de sair do banho e resolvo lhe escrever estas poucas palavras. Está tocando uma música gostosa e linda no Good Times 98. Ai me veio na mente como seria gostoso estar neste momento ao lado de uma bela mulher como você. Acho que uma noite seria pequena para podermos nos conhecer melhor mas confesso que sou capaz de diminuir alguns dias da minha vida para que isso saísse de um sonho e se tornasse realidade.”

Ela pára de ler. Já bastante íntima de mim. Coloca a mão sobre a minha e fala, num tom de confissão:

Olha só como os juízes são injustos, Neilza, eu fui condenada a 25 anos e ele, por homicídio, só foi a 13 anos. Ele já cumpriu 6 anos. (suspira) Daqui há pouquinho ele sai. Ele é de Angra, perto da minha casa.

Se ele me quiser, eu quero ficar com ele. Ele é lindo, faz capoeira na cadeia e virou um capoeirista.

Se a gente esquecesse do passado. Queria escrever um livro que falasse de abandono, sinto falta da minha mãe. Já escrevi uma carta pra ela no aniversário dela. Não pretendo procurar minha mãe no começo não. Não pretendo sair da cadeia e procurar ela. Ela só vai me ver quando eu estiver bem. Quero falar pra ela que ela nunca me ajudou na cadeia. Ela já ajudou outras pessoas na cadeia. Ela não vem aqui me visitar nunca. Aqui faço unha. Cobro dez reais. Só faço para as meninas que moram na cela. Tem um salão no refeitório mas eu não estou classificada. Lá as meninas saem da cela para fazer a unha no refeitório.

Recebemos a notícia de que se aproxima a hora do “confere”. Já anoitece na cadeia. Os murmúrios da noite no presídio já se aproximam. Sinto medo, pois não gostava de ficar no complexo penitenciário até aquela hora. A cadeia é como a Floresta Amazônica, à noite, tem um barulho próprio. A esta altura, estou ansiosa para terminar a entrevista. Ouço o som das chaves e o “timbrilar” das mesmas nos ferros da cela. Era a hora do fechamento oficial da cadeia e reclusão total de todos os presos, “faxinas” ou não.

Só tenho um desejo: sair dali. Diante deste meu desconforto, Pamela fala que a agente vai me acompanhar até a saída do portão. E fala para eu não me assustar com o barulho que os “meninos” fazem no Lemos de Britto.

Neilza, você bota um recado aí para a sociedade?

Mas, Pamela, isso aqui é para faculdade, não é para jornal e nem para televisão.

Mas, bota, se uma pessoa só, uma umazinha só, ler, já tô satisfeita.

Tá bom, Pamela, diga ...

Escreve aí. Não é porque a gente está num lugar desses que a gente é animal. A gente é ser humano. Eles deveriam, o governo, né... O governo deveria colocar mais coisas para gente fazer. Eles só julgam, julgam, julgam...

Obrigadão, Pamela.

Nada, menina, quando você volta?

Semana que vem.

Tá bom.

Ela se despede e sai da sala. Ao sair fala para a amiga, também “faxina” do presídio que encontra no corredor:

Ela é doidinha

Essa doidinha era eu. Penso, Foucault é que estava certo. Tudo é uma questão do lugar de onde se olha.

Sou tomada por uma angústia. Era julho e o dia já estava escurecendo através de uma tempestade que se anunciava em trovões e numa escuridão explícita. Precisava sair dali. Saí sozinha, naquela quase-noite, do presídio. Passo pelo pátio que, aquela altura, me parecia interminável. Não consigo levantar os olhos. Vejo rostos na janela do Presídio Masculino Lemos de Britto e o silêncio que minha presença produzia. Um silêncio assustador. Depois de uma eternidade, chego ao portão de saída. Nunca pensei, um dia, que a imagem do agente penitenciário da recepção fosse ser, para mim, tão cara. Quando coloco meus pés fora do presídio tento me controlar. Nunca havia ficado lá até aquela hora. O presídio se matamorfoseia à noite, principalmente o masculino. Nem consigo pensar, só sinto que preciso voltar para aquele lugar novamente. Voltei, outras tantas vezes. Saí dali e fui para Lapa (bairro boêmio da cidade do Rio de Janeiro), precisava respirar... Precisava sentir a cidade de perto, pulsar com ela.

5.1.3. O Presídio Feminino Talavera Bruce

O Presídio Feminino Talavera Bruce fica no Complexo Penitenciário de Bangu e eu não havia conseguido um contato para entrar lá até 2003. Numa segunda-feira havia ido a Rodoviária Novo Rio, já que tinha um compromisso pessoal numa cidade vizinha. Uma vez que o compromisso havia sido desmarcado resolvi, então, ligar para o diretor do Talavera Bruce. Já havia realizado alguns contatos com o diretor do presídio Talavera Bruce. Liguei novamente, lá mesmo da Rodoviária Novo Rio, a fim de agendar um dia para visitar o Presídio.

Fiz a ligação para o diretor do presídio. O mesmo me atendeu com bastante educação e distância. Houve uma certa hesitação no que tange a minha visita ao Complexo Penitenciário de Bangu. Eu já havia realizado a pesquisa-piloto no Nelson Hungria, no centro da cidade, longe do Complexo Penitenciário de Bangu e das inúmeras rebeliões que mobilizaram a mídia e a opinião pública, naquela época.

Na época da rebelião no Talavera Bruce (presídio feminino do Complexo Penitenciário de Bangu) eu fazia pesquisa no Nelson Hungria (presídio feminino localizado no centro do Rio, hoje transferido para Bangu). Haviam transcorrido alguns meses. E o sistema penitenciário, em especial o de Bangu, estava cada vez mais tensionado. A mídia comparava o Rio de Janeiro a um palco de guerra civil. Demonizasse, neste momento, o sistema carcerário. E aos olhos da sociedade civil, o Complexo Penitenciário de Bangu era a filial do inferno.

Após a hesitação inicial, depois de minha insistência, o diretor do Talavera Bruce disse: “Tá bom, vem agora!”. Tremi. Se o sistema carcerário havia passado por mudanças, eu também. Eu não era a mesma. E mais, o presídio não era o mesmo! Era Bangu, a dita “filial do inferno”. Era agora ou nunca, não pensei e confirmei minha ida.

Para a viagem desmarcada que eu iria fazer, havia colocado um livro de Michel Foucault, uma das traduções do “*Ditos e Escritos*”. O livro estava na bolsa, assim como minha vestimenta estava propícia a uma viagem a uma cidade serrana: sapatos altos e roupas para clima frio.

A locomoção até o bairro de Bangu, de ônibus, é longa para quem está no centro da cidade do Rio. Uma aventura dolorosa quando se tem um livro pesado na bolsa e uma sandália de salto alto nos pés.

Em frente à Rodoviária Novo Rio, zona portuária do Rio, enquanto esperava o ônibus, pensei em desistir. Mas vi pessoas, muitas pessoas no ponto do ônibus. Aquele entrecruzar da cidade suja, virada ao avesso remexia meu próprio avesso. O cheiro do churrasquinho do camelô que me embrulhava o estômago, o livro de Foucault que me pesava a bolsa, o salto alto da sandália que me doía os pés e a emoção que me suscitava a presença, no ponto do ônibus, de uma senhora, de aparência pobre, que conversava com um senhor. Este ambiente de sensações me conduzia a Bangu. Eu ia, não tinha outro jeito: tinha que ir.

A decisão de ir para Bangu, naquela manhã, não só me inspirava medo, mas também implicava numa longa viagem urbana até Bangu (zona oeste da cidade do Rio de Janeiro).

O local onde fica localizado o Complexo Penitenciário de Bangu fica numa sub-região do bairro de Bangu denominada Praça da Vila Kennedy.

A Praça da Vila Kennedy é atravessada pela Avenida Brasil: uma das principais avenidas que serve de acesso aos bairros periféricos da cidade. A Avenida Brasil parece não ter fim. Quanto mais me distancio do centro da cidade mais forte os sinais da metamorfose que se operava frente aos meus olhos. Entre favelas, a aridez das margens da Avenida Brasil só era rompida com a presença marcante de inúmeros motéis, algumas indústrias e inúmeras igrejas evangélicas.

Desço no ponto da Praça da Vila Kennedy e, ao sinalizar minha descida, percebo olhares que me examinam dos pés a cabeça. O ônibus que sai do centro da cidade e passa pela Praça da Vila Kennedy tem seu percurso seguinte o bairro

de Campo Grande. Mais tarde, pude saber, através do relato de uma amigo (residente em Campo Grande) que os passageiros desta linha de ônibus ficam de sobressalto quando o ônibus pára no ponto da Vila Kennedy. Já que este ponto é o único acesso, para quem vai de ônibus, ao Complexo Penitenciário de Bangu. Em consequência disto, cada parada naquele ponto transforma-se numa brecha de entrada ou saída a possíveis resquícios do complexo penitenciário mais temido do país.

Após inúmeras visitas ao Talavera Bruce e conseqüente retorno aquele caminho, acostumei-me com os olhares dos passageiros quando eu sinalizava a descida. E mais, estabeleci uma relação amigável com os motoristas e trocadoras (sempre mulheres) da linha de ônibus que me transportava até o Talavera Bruce. Estas acabaram se acostumando com minha presença constante naquele percurso.

Apesar da relação amigável nunca me perguntavam o que eu fazia na Praça da Vila Kennedy, uma vez que era explícito, através da linguagem verbal e corporal, que eu não era moradora do bairro. Havia um pacto de silêncio no qual qualquer pergunta no espaço público no qual o ônibus se constitui, consiste num perigo em potencial.

Descendo na Vila Kennedy, entrei num cenário singular que associava imagens, odores, temperatura e sons. A imagem era de uma praça com algumas barracas feitas de um material similar ao material usado nas bancas de jornal: uma pequena casinha de alumínio. Estas barracas vendiam cachorro quente, hamburger e refrigerante. Alguns bancos de cimento contornavam um terreno de terra batida, na qual algumas crianças e adultos jogavam futebol. Em uma das barracas havia uma grande caixa de som espalhando uma música religiosa que anuncia um paraíso para os justos. “Exageradamente aguda”. Pensei ao ouvir a voz daquela cantora gospel. Além da canção, esta barraca apresentava um odor forte de carnes e frituras. Aproximei-me do rapaz que fritava os hamburgers e pedi informação. “Como eu chego ao Talavera Bruce?” Com bastante naturalidade, ele me disse que não havia ônibus até lá e nem dava para eu chegar caminhando. Eu só poderia chegar até lá de “van” (transporte coletivo e alternativo) ou de táxi. Ambos ficavam do outro lado da praça.

Num verão de janeiro no Rio de Janeiro, num sub-bairro de Bangu, a sensação térmica era de 50 graus (a sombra!). A elevada temperatura tornava o

sapato mais doloroso. O peso do livro de Foucault que estava na minha bolsa tornava-se quase insuportável.

A passagem para o outro lado da praça consistia num túnel para pedestres, em baixo de um viaduto. A sombra do túnel seria agradável se não fosse a água parada de esgoto e o ambiente escuro, repleto de camundongos.

Atravessar aquele túnel, com pouca luminosidade, com fezes de esgoto e pequenos camundongos não foi, para mim, uma tarefa fácil. Mesmo após as inúmeras passagens pelo mesmo lugar, o cheiro daquele lugar e o medo dos camundongos sempre foi um grande entrave para a realização da pesquisa no Talavera Bruce. Entrave este só superado pelos laços afetivos que eu havia estabelecido no presídio e pelo imenso desejo de concluir a pesquisa.

Em uma das minhas passagens por aquele lugar, vi um cachorro morto dentro deste túnel, com a cabeça esmagada. Junto a ele, dois cachorros disputavam os restos da cabeça do cachorro morto. Junte-se a esta imagem o cheiro desesperador de decomposição orgânica do animal associado ao cheiro de carne frita que vinha das barracas de *hamburgers*, localizadas na praça já descrita.

O que sempre me intrigou foi a presença de vendedores ambulantes (camelôs) naquele túnel. Entre fezes, esgotos, camundongos, havia camelôs vendendo espelhos, bijuterias, calcinhas, cigarros, desodorantes, sabonetes, pentes, cigarros e outros.

Depois de repetidas passagens por aquele lugar, pude saber, através de conversas informais com alguns transeuntes do bairro, que o túnel era o único lugar permitido pela prefeitura para os vendedores ambulantes. Segundo estes informantes, só as barracas (tipo banca de jornal, já descrita) eram permitidas nas redondezas. Restava apenas o túnel para o comércio de objetos. Afinal aquele lugar é um ponto de venda importante em dias de visitas no presídio.

Atravessando o túnel, encontrei o “outro lado” da Praça da Vila Kennedy, tratava-se da continuidade da praça anteriormente descrita. Havia, no entanto, uma diferença: a presença das vans e de carros pintados de amarelo, similares aos táxis. Tais táxis não eram oficiais, na época da pesquisa. Não havia taxímetro e cobravam 7 reais para me levarem ao Talavera Bruce. Segundo alguns funcionários do presídio, além de ilegais, eram carros roubados (pintados de amarelo para se assemelharem aos táxis oficiais) e de placa adulterada. Mesmo

antes de saber que se tratava de carros roubados, entrar num carro daquele não era algo confortável.

A Vila Kennedy é, segundo a fala de alguns moradores, uma “favela plana”. A construção urbana se assemelha muito às favelas cariocas. O tráfico se faz presente no bairro, todavia, suponho que haja especificidades na ação do tráfico naquela região, dada à proximidade do Complexo Penitenciário que torna o bairro um lugar de circulação de familiares de presos de diversas facções do crime. Após saber da situação dos “pseudo-táxis” continuei fazendo uso dos mesmos. Melhor num “pseudo-táxi” que numa Van que transportava parentes de presos da Praça da Vila Kennedy até o Complexo Penitenciário de Bangu. Nestas Vans o percurso, em dia de visitas, do Complexo Penitenciário até a Praça da Vila Kennedy era extremamente tensionado. Já que era o meio transporte de familiares de diversos parentes de diferentes facções. A lei do silêncio imperava e, segundo informações das presas, algumas vezes havia mortes de familiares de facções rivais dentro destas vans. Mas sobre isso imperava também a lei do silêncio. Nos dias de visitas, meu retorno do Talavera até a praça da Vila Kennedy era feito por estas vans. As vans vinham “lotadas” de mulheres, em sua maioria. Todas mudas, silenciadas pela dinâmica e compartimentalização do tráfico de drogas no Rio de Janeiro.

Atualmente (outubro de 2005) há dois táxis credenciados e emplacados oficialmente na Praça da Vila Kennedy.

O Talavera Bruce é o primeiro presídio do Complexo Penitenciário de Bangu. Apesar de não fazer parte do mesmo. Ou seja, o Talavera Bruce está próximo (bem próximo) da região demarcada pelo Complexo Penitenciário de Bangu, todavia foi construído antes da construção do Complexo Penitenciário.

Cheguei ao Talavera e pedi para falar com o diretor. Na entrada do presídio um cenário recorrente: detector de metais, agentes penitenciários “ultra” armados, pequenas câmeras a filmar tudo e todos, televisores mostrando a circulação interna da cadeia. Todavia, algo peculiar me preenchia a visão: um ambiente espaçoso (um grande pátio) podia ser visto da entrada da cadeia. E, em frente, anunciando aquela imagem: um Igreja Católica. Soube, mais tarde que se tratava apenas da construção que se mantinha, já que fora desativada. O Talavera Bruce havia sido um reservatório religioso de meninas no início do século XX.

Fui recebida por um agente penitenciário que perguntou quem eu era. Me identifiquei como “Pesquisadora da Puc”. O mesmo me tratou com bastante hostilidade. Estabelecendo comigo uma posição hierárquica no qual ele era, efetivamente, superior. Enquanto tentava localizar o diretor do presídio, gritou com uma presa que varria o pátio:

- O que você tanto alisa aí?

A mesma conclui seu trabalho e saiu do pátio. Ele fala:

- Se correr eu atiro, depois pergunto o que foi.

Havia, nesta fala, um desejo de demonstração de poder. Ele queria me intimidar. Após o contato com o diretor e a devida autorização para minha entrada, pediu que eu mostrasse minha bolsa. Jogou todos os objetos contidos na mesma no balcão. Ouvi o “timbirilar” de objetos que estavam dentro da minha bolsa se quebrando. Estraçalhou o absorvente que eu guardava na bolsa e esmiuçou minha carteira de documentos. Tudo estava tranqüilo, aos olhos dele. No entanto, algo o incomodou o livro de “Michel Foucault” que estava na bolsa. Daí, ligou novamente para o diretor, falou do livro e de mais algo que não pude ouvir. Após esta comunicação (via telefone interno), falou irritado:

- Ô, o “homem” falou para eu aliviar este livro grosso. Mas eu não estou engolindo isso não. Um livro tão grosso só pode ser bíblia ou esconderijo de cocaína.

Após a ligação, recuperei minha bolsa e meus pertences (óculos quebrado, celular rachado, embalagens de maquiagem estraçalhados). Meu corpo não foi revistado. Passei por baixo do detector de metais com as mãos para cima (tática para que não “apitasse” ao detectar meu relógio, brincos e anéis).

Esta ordem do diretor se deu em função da pessoa que me encaminhara, sendo esta remetida a Comissão de Direitos Humanos e considerada, pelo diretor, acima de qualquer suspeita.

Fui recebida por uma agente penitenciária. Tratava-se de uma mulher de meia-idade. Eu já havia conversado com a mesma ao telefone, já que fora ela que, a pedido do diretor, havia me dado às instruções geográficas para chegar ao Talavera Bruce.

Aquela altura dos acontecimentos não conseguia me manter de pé com a sandália que já me sangrava os pés. Movida pela dor física, pedi um chinelo emprestado. Fui levada pela agente ao dormitório das agentes femininas: espaço

em que descansavam, guardavam objetos pessoais. Muitas ficam em longos plantões e as camas facilitam o descanso na alternância dos horários noturnos.

Cansada, adentrei o espaço das agentes levada por Tereza (pseudônimo da agente penitenciária). Havia três agentes penitenciárias no espaço, fui muito bem recebida por todas. Emprestaram-me uma sandália “havaiana” azul. Aliviada da dor fui conhecer o presídio, guiada por Tereza.

O primeiro espaço a ser apresentado por Tereza foi a creche do Talavera Bruce. A creche ficava atrás da Igreja Católica desativada. A creche era um alojamento de mães e filhos com menos de um ano de vida. Tratava-se de uma casa ampla com vários quartos. Nestes quartos havia inúmeras camas, berços, armários de madeira. Os armários eram pequenos, próprio de mobília infantil. Os móveis estavam envelhecidos, assim como os objetos que os circundavam. Apesar da empobrecida aparência, a presença daquela mobília pretendia descaracterizar aquele espaço do contexto prisional.

As camas de madeira (raridade dentro da cadeia) possuíam cabeceira, tornando aquele espaço mais similar a uma casa. A presença de alguns objetos quebram a estética já tão massificada da cadeia. Uma cama com cabeceira era um exemplo disso.

O alojamento não estava muito cheio, havia somente 13 mães com crianças. Segundo Tereza, a maioria das mães que “pariam” no sistema penitenciário haviam sido presas enquanto grávidas:

- Elas aproveitam que estão grávidas para fazer besteira. Aí colocam um inocente aqui.

Uma mulher havia chegado da maternidade naquela manhã, estava deitada com seu bebê ao lado, na cama de madeira com cabeceira.

Outras transitavam com seus bebês ao colo. E umas duas conversam enquanto as crianças engatinhavam próximo.

Uma das mulheres, com um bebê no carrinho, se aproximou de Tereza:

- Você sabe se vai ser amanhã?
- Não, não sei, calma! (responde Tereza)

O filho desta presa já estava partindo, deveria se ausentar da mãe e a mesma estava angustiada, já que ainda não havia localizado nenhum parente que pudesse ficar com a criança.

Esta presa será nomeada por mim de “Maria”. Maria foi presa por tráfico de drogas, era empacotadora de cocaína: pesava e embalava. Foi presa enquanto embalava cocaína em sua casa, numa favela carioca. Maria tinha 21 anos, sua mãe, já falecida era empregada doméstica. Tinha mais 3 irmãos. Um deles havia sido morto numa chacina na favela do Jacarezinho. E os outros irmãos ela não sabia o paradeiro. Quando engravidou trabalhava como empregada doméstica no Leblon. Sua patroa quando soube da gravidez a mandou embora.

Maria morava de aluguel na favela da Rocinha, zona sul do Rio de Janeiro. Alugava uma casa de três cômodos: sala, quarto, cozinha. O banheiro era coletivo (para outras casas) e ficava fora de casa. Segundo o relato de Maria, morar onde morava havia sido um grande avanço na sua vida material e pessoal. Era a primeira vez que tinha uma casa só para ela.

Contou que, aos 13 anos foi “fazer a vida” em Copacabana. Prostitua-se numa boite na orla de Copacabana. Nesta época, sua mãe morava no morro do Jacarezinho (zona norte da cidade) e devido à distância a mesma dividia um “quitinete” na Rua Prado Junior (Copacabana) com mais 15 meninas que, como ela, se prostituíam.

Disse que quando sua mãe morreu prometeu para si mesma que largaria aquela vida: ia estudar e constituir família. Daí, foi trabalhar como doméstica no Leblon (zona sul da cidade). Trabalhou nesta casa durante 2 anos sem carteira assinada. E ao engravidar, foi despedida pelos seus patrões. Maria relata não ter visto outra solução senão a de embalar cocaína em sua casa. Afinal, era um emprego lucrativo no qual podia executar sua tarefa dentro de casa. Já que, segundo a mesma, havia tido sangramentos no início da gravidez. Sangramentos estes que a impediam de trabalhar, ocasionando a demissão.

Maria contou que havia planejado aquela gestação. Ela queria um filho, uma vez que, após a morte de sua mãe, se sentia sozinha. E uma vez tão “desejada” havia feito tudo para manter a gravidez. Trabalhar em casa era a solução: salvar-guardava seu filho, ganhava dinheiro para pagar o aluguel e se manter, enquanto o bebê não nascia. Todavia foi presa quando tinha 8 meses de gestação. Teve o bebê na cadeia, ou seja, em estado de encarceramento. As mulheres grávidas encarceradas fazem o pré-natal na cadeia (com os médicos do sistema prisional), todavia, dada as contrações são encaminhadas para maternidades públicas. Segundo Tereza, quando Maria foi presa ela já tinha todo

o enxoval do bebê pronto. Não necessitou de roupinhas de bebês usadas e nem doadas por outros.

O bebê nascera e havia ficado com ela até um ano. Pela lei, as crianças só podem ficar com as mães durante o período de aleitamento. Todavia, segundo Tereza:

- Esse diretor aí faz vista grossa. Deixa a criança ficar até um ano. Aí não tem jeito, tem que ir embora.

Tereza fazia aquele relato já bastante comovida. Contou-me que nos dias das saídas das crianças ele preferia nem ver. Ficava lá atrás trabalhando e nem aparecia pela creche.

Mais tarde, ao longo da pesquisa no Talavera Bruce, pude perceber que os aniversários de um ano na creche eram acompanhados de “festinhas” realizadas pelas agentes penitenciárias. Todavia, estas “festinhas” eram sempre angustiantes, já que anunciavam a separação da mãe do bebê.

Maria estava claramente preocupada, pois já havia vindo da Vara de Execução Penal o pedido para a separação de seu filho. Na ausência de parentes ou amigos que se dispusessem a cuidar de seu bebê, Maria se desesperava com a idéia de ter que deixá-lo num abrigo para menores do estado.

O bebê, um menino de olhos grandes, sorria em seu colo. Pedi para pegar no colo, mas a agente penitenciária falou que não podia, já que “todo cuidado era pouco com aquelas crianças”. Afinal, segundo a agente as crianças eram responsabilidade do Estado. Peguei o bebê no colo, apesar da interferência da agente. Depois de um certo tempo o devolvi a mãe que saiu com ele nos braços, cantarolando uma música de funk para que o mesmo adormecesse em seus braços. Lembrei-me, então de uma música de Chico Buarque:

E por não se lembrar de acalantos,
a pobre mulher,
me ninava cantando cantigas de cabaré.

Após aquele episódio, sai da creche e chorei muito. Foi a única e última vez que eu chorei dentro do presídio. Todavia, foi a última vez que pisei na dita “creche” do Talavera Bruce. Este não era meu objeto de estudo, portanto não havia motivo para adentrar aquele espaço. Deixo este espaço como fonte para estudos posteriores de outros tantos pesquisadores mais corajosos que eu. Meu

objeto de estudo eram os projetos futuros de mulheres presas – pensei. Pobre de mim, ainda não sabia que as mulheres só constroem algo similar a projeto futuro a partir do valor que dão à maternidade. Naquela época, o livro de Michel Foucault me pesava na bolsa. Foucault ainda não havia se transformado num interlocutor íntimo, cujo objetivo primeiro era de fazer perguntas e não dar respostas.

Dado o adiantado da hora, após a visita à creche fui visitar o diretor para, enfim, obter a autorização de fazer as entrevistas no Talavera Bruce. O mesmo estava ocupado, me disseram que em reunião com as presas para a elaboração da festa de Natal. Todavia pediu que eu entrasse. A secretária do mesmo já havia me adiantado que ele não autorizaria minha pesquisa. “Impossível”, disse a secretária.

Entrei na sala do diretor e lá haviam algumas presas. Quando entrei o mesmo me falou com ar sarcástico:

- Aqui estão as presas mais perigosas! Entra, pode entrar!

Aquela altura dos acontecimentos e dada a hierarquia do sistema prisional, eu já me sentia absolutamente silenciada. Junto a ele, na frente de sua mesa, estavam algumas mulheres presas. Ele me apresentou às presas. Me perguntou o que eu queria estudar. Eu respondi. Daí, uma das presas, a Maria Bonita, falou:

- Você estuda na PUC? Na PUC são todos ricos. Essa gente de lá pensa que nós somos bichos.

Ele, bastante defendido, diante das presas, me negou a pesquisa. Disse que muita gente chegava ali para pesquisas similares, mas as presas se recusavam a dar algum tipo de entrevista.

A fala do diretor fez desabar minha vida, naquele momento. E ainda não sei se tomada pelo calor de Bangu que me entorpecia o juízo ou se pela extrema necessidade de concluir a pesquisa. Naquele momento me tomei de uma força cuja natureza desconheço e me dirigi às presas. O livro de Michel Foucault já nem mais pesava na bolsa. A psicóloga há muito tempo havia ficado lá na rodoviária Novo Rio. A pesquisadora? Não sei aonde estava. Ali era eu, Neilza, precisando do título de doutora para trabalhar, para ganhar dinheiro, para prover meus sustentos e meus sonhos pessoais. E mais, para construir com elas algo que pudesse ser dito daquele lugar chamado prisão feminina. Não saberia reproduzir o

que fora dito por mim, só lembro de uma frase final dita, desesperadamente, por mim: “Preciso de vocês, por favor me ajudem!”

A resposta a isso foi um acolhimento de proporções nunca vistas por mim. A mulher que havia feito a crítica acerca da PUC era uma presa importante dentro da cadeia. Havia sido presa por inúmeros seqüestros e consistia numa liderança dentro do sistema carcerário. Sua figura suscitava algumas fantasias. Segundo as agentes ela era “perigosa” e já havia tentado fugir por diversas vezes. Era respeitada e temida pelas outras presas. Diz a lenda do sistema carcerário que ela é a “dama” do Comando Vermelho, a última reminiscente da era da “bandidagem romântica³”. A partir do acolhimento das presas presentes na sala do diretor, o mesmo me autorizou a pesquisa no Presídio Feminino Talavera Bruce.

Após este dia, fui construindo, paulatinamente, uma relação singular com aquele espaço. Construí uma relação de confiança com as presas e uma relação de respeito com a direção e as agentes penitenciárias. As nuances desta construção se constituiria num outro estudo. Todavia, procurei lançar mão de elementos básicos para me relacionar dentro do espaço prisional:

- No que tange a administração do presídio, respeitar a verticalização dos poderes e a hierarquia explícita. Nesta hierarquia eu era sempre “pedinte”. Pedia autorização para tudo e ao fazê-lo ganhava, como prêmio a “confiança” por parte da direção e agentes penitenciários.
- No que tange às presas, não reduzi-las ao crime e tratá-las de maneira igualitária. Sem julgar, sem temer e sem, sobretudo, mentir. Toda verdade é bem recebida pelas presas. Entretanto, algum vestígio de mentira podia “macular” minha relação com elas.

Em pouco mais de um mês eu estava circulando dentro do Talavera Bruce com liberdade e tranquilidade necessária para construção da pesquisa. A pesquisa no Talavera Bruce se deu ao longo de 18 meses. Nestes, pude estabelecer alguns laços afetivos, dentre os quais se destaca a presa que me recebeu, a dita “dama” do Comando Vermelho. Esta se intitula “Maria Bonita” por ter tido, um dia, o seu “Lampião”. Os contatos com Maria Bonita foram inúmeros, assim como foram

³ Bandidagem romântica, segundo o relato de presas e agentes, eram os bandidos que apresentavam atos heróicos tais como grandes façanhas pessoais e o valor dado aos pactos de amizade. Hoje, segundo as mesmas: “se mata por qualquer dez reais e não se tem amigo no mundo do crime”. Não consegui, ao certo, definir o que seria isto, aos olhos das presas e agentes penitenciários. Uma vez que cada uma fala algo diferente acerca da mesma coisa.

inúmeros os acontecimentos assistidos por mim dentro da cadeia: histórias comuns de netos que nasciam, filhos que casavam, presas que entravam, presas que saíam. Tornei-me expectadora de vidas, de histórias singulares.

O Presídio Feminino Talavera Bruce possuía inúmeras atividades internas, tais como: um jornal construído pelas presas, um salão de beleza também construído pelas presas, uma confecção, uma biblioteca, um teatro, uma horta com hidroponia, dentre outros espaços que minimizavam a dor do encarceramento. Um mero apaziguamento da situação do encarceramento. Havia, todavia, um espaço idealizado, nomeado e dirigido por Maria Bonita. Espaço este que, segundo a mesma, tornou-se de suma importância para o que chama de “recuperação” da presa. Sobre este espaço e outros assuntos que envolvem o encarceramento apresento, a seguir, a entrevista oficial, realizada com Maria Bonita. Em seguida, transcrevo a entrevista com Bella. Em ambas entrevistas, a situação do encarceramento e suas singularidades aparecem claras. Apresento-lhes, então, duas vozes do Talavera Bruce, vulgo TB:

Maria Bonita

E a questão da violência se dá em virtude da desigualdade social. A gente só entende isso quando vive nos dois lados da vida, eu já vivi isso. Vivia de uma lado e tudo era muito belo e maravilhoso. Quando eu entrei pra dentro de uma comunidade carente, ou seja, uma favela, eu entendi o que...

Interrompo e peço para Maria Bonita falar mais desta entrada na favela.

Eu era classe média alta, morava na Av. Atlântica. Me apaixonei por um seqüestrador e comecei a namorar ele. Quando eu conheci este lado da favela, aí eu entendi o que é desigualdade social. As meninas que eles chamam hoje me dia de “Patricinhas”, entram na favela e vêm um portando um fuzil, colar de ouro, tênis “Nike”, bermudão da “cyclone”. E vem aquele outro que tá lá de chinelinho de dedo, todo desarrumado: elas nem olham. Aí ele tem uma oportunidade de se igualar aquele que está de tênis Nike, portanto colar de ouro e fuzil, todo arrumado, com as menininhas todas olhando. Isso desencadeia em quê? Um grande envolvimento. Eles descem para praia e vêm o quê? Um monte de playboyzinho, aí se infiltram no meio da onde eles podem ter o mesmo dinheiro para andar igual ao Playboy do asfalto. A desigualdade social gera a violência.

Ouvi você, outro dia, falando com muito carinho dos menores infratores que você vê daqui. Me fala um pouco disso?

Porque, justamente, quando eu entrei na favela eu vi a questão da carência, da fome, da necessidade. Aqui, ao lado tem o “Santo Expedito” e vi diversas rebeliões deles, eu vejo como eles são maltratados. Morei numa cela que dava fundos pra lá e isso, de uma certa forma, chamou minha atenção. Eu pretendo, quando sair daqui, fazer um tipo de trabalho social com menor infrator, porque eles são o nosso futuro. Daqui há mais 20 anos se continuar do jeito que está, o mundo acaba e a gente não vai ter futuro. Porque se o nosso futuro são os menores e eu vejo uma grande parte vindo para a instituição, só vai está sempre no poder o filho do ex-presidente, de geração em geração só deles? E ninguém mais vai ter oportunidade? A classe baixa, o pobre não vai ter oportunidade? O

pobre não vai ter oportunidade? O preto e o favelado não vai ter oportunidade? Só quem já está lá dentro é que vai ocupar sempre os mesmos lugares? Então eu tenho sim um ideal, que pode parecer até besteira, de fazer um projeto de montar um projeto social nas instituições de menores.

Você tem contatos, né? Dentro da cadeia, você fez contatos com muita gente legal, de lá de fora, não é?

É, fiz sim. Uma das pessoas que quando a gente sempre tem problemas a gente chama e mesmo os menores quando tem algum problema a gente chama daqui é o Marcelo Freixo, Simone Menezes, dona Paula. Eles nos dão apoio dentro do que é certo. Não fazem nada que seja fora da lei. Essa direção também me dá muito apoio, e você também. Quando você esteve aqui, semana passada, eu estava na “tranca” e nem por isso eu saí de lá.

Maria Bonita, explica pra gente o que é “tranca”?

Quando a gente comete uma falta disciplinar, sendo que dentro disso eu não tive culpa. Mas foi minha palavra contra a da funcionária, aí eu fui pra “tranca”. Mas isso é prova que aqui não tem protecionismo. Se tivesse eu não teria ido para “tranca”. Mas aqui, tá lá no papel, ele (o diretor) vai seguir o que está lá.

Eu tô aqui há 14 anos e já passei por 8 direções e nenhuma delas desempenhou o trabalho que ele vem desempenhando aqui. Se eu disser para você que ele é bonzinho eu estaria mentindo, se ele fosse bonzinho ficava com pena de mim e abria a porta para eu sair daqui, mas dentro da questão de um ser humano, ele é um ser humano maravilhoso. Chegou aqui e arregaçou as mangas com vontade. Seria muito simples, né, manter a cadeia trancada sem nenhum curso, sem nada. Ele não, ele procura curso, ele vê emprego. Ele deu este espaço aqui pra gente, que é um espaço cultural chamado “Mãos a Arte”, no qual eu sou coordenadora, pra gente trabalhar. Se a gente não tem retalho, ele vai atrás de retalho.

Este espaço era um projeto que eu durante 11 anos sonhei com ele e direção nenhuma nunca tinha me dado oportunidade. Um dia, eu fui brincar com ele e ele disse: “Essa sala daí serve?”. Daí a pouco ele chega com 800 metros de pano que ele havia ganhado de doação, arrumou duas máquinas de costura do “Santa Cabrine” e daí já vai fazer 2 anos de espaço cultural. Me descobri, aprendi a fazer coisas que eu jamais pensava que eu fosse capaz. O valor da auto-estima então, é assim ...

Começa a lacrimejar e continua...

O salão de beleza é um show: secador, escova, tinta, tesoura, depilação... Tudo na gestão dele. Tudo que você vê funcionando aqui foi na gestão dele. Tem a Carmem que montou um grupo de dança: Street Dance! Tudo com apoio dele: o teatro.

Já sabendo da paixão de Maria Bonita pela bateria, pergunto: e a bateria? Absolutamente descontraindo, se entusiasma e me responde:

Ah... a bateria, nossa, essa para mim foi um sonho. O melhor que me aconteceu nestes 14 anos de cadeia. É um curso de percussão e eu toco surdo. Uma coisa que eu sempre tive vontade mas eu também sou um pouco tímida, entendeu? Eu não tinha coragem. Mas quando veio pra cá eu pensei: eu não vou perder esta oportunidade. Aí fui, tô e quando saí daqui eu vou continuar.

Fica desconcertada e muda de assunto. Grifo ao leitor esta passagem, já que, quando fui vê-la no presídio e a mesma estava na “tranca”⁴ o que mais lamentava era não poder ir às aulas de percussão.

Tem o jornal “Só isso” também aqui. Eles vieram depois de uma rebelião e depois que eles chegaram está tudo funcionando aqui. Eles chegaram aqui e foi até

⁴ Maria Bonita sabia que eu iria fazer a entrevista com ela, pois havia marcado uma semana antes. Daí, na tranca, simulou uma terrível “dor de dente”. Foi assim que consegui falar com ela: no ambulatório dentário. Falamos rapidamente e ela me pediu pra voltar quando o “castigo” terminasse. Voltei e ela me concedeu esta entrevista.

engraçado, porque 3 homens, né, com 300 presas... Eles chegaram e foram fazer uma reunião no auditório com as presas. São 3 diretores e um responsável pelo presídio. Quando vi os 3 pensei: eles vieram para dar “porrada”, matar e destruir todo mundo! Eles vieram porque houve uma fuga, depois uma rebelião. Aí a antiga direção caiu. Eles de diretores não tinham nada: eram inoperantes. Era uma mulher e 2 homens. Quer dizer, uma sapatão e dois homens. Bem dizer, 3 homens!

Ri muito...dá gargalhadas disso.

Pensei: a porrada vai comer com estes 3 homens aí! Até que um dia uma pessoa me mandou uma carta dizendo: “Maria Bonita, fica fria que eles são de idéia mas se você for fazer graça vai rolar porrada todo dia”.

Peço para ela “traduzir”.

Na ideia é no diálogo, eles são de diálogo, de idéia, de conversa. Mas se for fazer gracinha você vai entrar na porrada todo dia. Daí eu escrevi dizendo que estava “devagazona” e que não estava afim de fazer gracinha não. Aí eu não vinha nem mais pra cá, ficava lá no meu pavilhão. Aí, um dia, eu vim pra buscar um sedex que vinha pra cá...

Pergunto sobre as correspondências. Ela não me fala muito sobre o assunto, só diz:

Esses aqui entregam tudo sem ler, só entregam aberto pra ver se não tem nada.

Morre o assunto.

Aí eu dei de cara com o diretor. Sem graça e sem ter o que falar, falei: Dr, o senhor não quer dar um espaço aí pra gente fazer um artesanato. Eu trabalho com artesanato e nunca tive uma oportunidade. Aí ele abriu essa sala aqui e falou: “Essa sala aqui serve?” Olhei pra cara dele, pensei que fosse sacanagem, mal chegou e já ta querendo tirar onda com minha cara. Ele disse: “Tô falando sério”. Falou duro, sabe. Aí arrumou 800 metros de pano.

Eu achava que nunca ia sentar numa máquina para costurar nada e nem cortar pano.

E vocês têm tesoura aqui. É bom as pessoas saberem que estou numa sala fechada com você e inúmeras tesouras grandes. Assim como já fiquei com outras presas aqui e com as tesouras e outros objetos cortantes e nada acontece. Morre aí a noção de perigo. Fico, aqui, absolutamente a vontade, com vocês.

Maria Bonita fala de maneira didática:

Tem tesoura, tem estilete... e só tesoura grandona.

E ninguém me matou...

Depois ele (o diretor) viu a necessidade da creche também, e ele conseguiu doação para uma máquina de fazer fraldas. Fizemos uma brincadeira um dia, um torneio de futebol que veio gente de fora. Aí uma das internas falou que a gente podia ter uma mesa de ping-pong. Aí uma senhora doou pra gente. Depois, uma outra senhora muito rica quis doar outra mesa de ping-pong. Aí o Dr. Marcos Pinheiro me chamou na sala dele e me perguntou: “Maria Bonita, o que você acha de trocar esta segunda mesa de ping-pong por uma máquina de fazer fraldas? Eu falei, não, tudo bem... Vamos fazer fraldas, mas com qual material? Aí o Dr. Marcos conseguiu que esta mesma senhora doasse, todo mês, o material para fazer as fraldas. Então, não posso falar dele... Pra mim, ele não é bonzinho porque não abre o portão e não me deixa ir embora. Porque ele dá uma condição de ser humano pra gente, da gente trabalhar, de viver fora da ociosidade, de resgatar a nossa auto-estima. Muito melhor que muitas diretoras mulheres que passaram por aqui. Não só como diretor: como ser humano! Eu sei o seguinte: ele é bom mas não é bombom, se eu seguir os caminhos que vão contra as ordens disciplinares, não vai ser ele que vai estar me punindo, mas eu mesma. Então eu tenho que saber o que é melhor pra mim. Se eu seguir este caminho que eu tenho condição a partir desta oportunidade que ele está me dando ou vou seguir por um atalho e arcar com as consequências.

Mas vou te falar uma coisa, querida, eu não sou santa e nem isso aqui é um convento. Tem uma hora que a gente desliza e escorrega na banana. Mas se escorregar muito aqui vai lá pro “chilindró”.

Pergunto o que é o chilindró...

É a “tranca”, o isolamento.

Aí entra na sala o sub-diretor para me perguntar se estava precisando de alguma coisa. Já que algumas internas estavam circulando no presídio e toda hora interrompiam a entrevista. Quando o sub-diretor sai, Maria Bonita diz que “aquela bunda” ainda ia matá-la de paixão. Eu entro no clima de brincadeira de Maria Bonita, uma vez que minhas repetidas idas ao presídio me tornaram próxima de Maria Bonita, sendo esta uma grande facilitadora da pesquisa no Talavera Bruce. Após a brincadeira retomo a entrevista e peço para Maria Bonita me falar o que pretende fazer quando sair dali.

Quando você vai sair daqui? E quando sair o que vai fazer lá fora?

Eu vou sair daqui no ano que vem (2006). Quando eu sair daqui a primeira coisa que vou fazer é ir para uma igreja rezar e agradecer a Deus por ter conseguido chegar aos 46 anos em plena forma física, com saúde, com uma família que está perto de mim, com amigos super maneiros que me apóiam, me ajudam, me orientam... E depois...

Sorri, solta o cabelo e sinto que seus olhos ganham um brilho diferente.

Depois vou na praia dar um mergulho. Vou ver o mar...

Depois sim, vou ver meus netos, ficar com minhas filhas, vou traçar um meio de vida que nunca mais me traga pra cá. Quero ficar com minhas filhas, elas vão me ajudar a viver uma vida melhor. Isso aqui eu não quero mais não...

Por experiência própria e tudo que eu te falei aqui não é teoria é por experiência própria. Eu ouvia falar em desigualdade social mas só fui entender mesmo disso quando fui morar na favela com meu namorado. Eu fui do luxo ao lixo e quando eu cheguei ao lixo entendi porque tanto se falava de desigualdade social, até então eu só ouvia teoria. Eu vivi na prática, aí eu entendi bem o que era desigualdade social. Fui entender a relação entre o playboy do asfalto e o favelado, fui entender as conseqüências da fome, da miséria, disso tudo. Tudo de falo por ter vivido na prática. A gente paga o que deve a justiça, mas para sociedade nossa cadeia é perpétua. O lixo tem mais valor do que eu. Isso aqui, ô, era lixo, ta reciclado virou uma caixinha.

O que era isso aí?

Isso era papel de revista que é encontrado no lixo e nós reciclamos.

Foi me mostrando e enumerando os objetos reciclados que haviam no espaço cultural criado pela mesma.

Isso é retalho que ia para o lixo. Isso aqui é de latinha de refrigerante que as famílias catam do lixo e trazem pra gente. Isso aqui é de jornal velho. Isso aqui é de ovo, também do lixo. Até cocô vira adubo. Se cocô é aproveitado, porque nós não seríamos?

Me sinto muito mal diante da colocação de Maria Bonita. Sinto que ia ser estrangulada por um choro incontrolável. Assim, como fuga, desvio o assunto. Eu não podia chorar. Precisava de um tempo para me recompor. O único jeito era mudar de assunto. Então, falei, enquanto a mesma mostrava, num desabafo, os objetos produzidos pelas presas no espaço cultural com materiais encontrados no lixo.

Puxa.. não trouxe máquina fotográfica. Mas acho que se trouxesse o diretor não ia deixar entrar. Eu queria fotografar o que vocês fazem aqui.

Ah, fala com ele. Se for dentro da lei, ele vai deixar. Se não for, pode ficar certa que ele vai te barrar. Mas, olha, tudo que é para somar ele ajuda, mas pra isso é necessário estar na lei, né... Sabemos as regras do jogo, precisamos cumprir. Ele não é bonzinho não... Quantas vezes vou pedir uma coisa pra ele e ele diz não: tem que ta na lei!

Recuperada, olho para Maria Bonita e ouço em sua voz outras tantas vozes... Pergunto: Você aprendeu algo aqui, Maria Bonita? Isso aqui serviu pra alguma coisa?

Puxa... Primeiro eu saí de um bom apartamento na Avenida Atlântica para vir para um lugar desses. Isso aqui eu vou dizer pra você é o fim da estrada, é o último lugar que um ser humano chega, não tem pior. Mas hoje eu digo pra você, aos 46 anos eu me sinto mais plena e mais segura. Hoje, eu sei o que eu quero e o que eu não quero. Eu podia ter aprendido com tudo o que minha mãe me falou. Eu não falei pra você, mas quando eu vim presa ela morreu do coração. Te falei?

Sim, você já havia dito no outro dia.

Ela não agüentou com o pancadão e faleceu. Não gosto de falar disso.

Você era filha única, não era?

Era a única filha dela. Quando eu nasci ela já tinha idade, dizia que tinha preparado a vida para minha chegada. Ela queria tirar todas as pedras do meu caminho. Antes de vir pra cá eu nunca havia lavado uma calcinha.

Chora muito, muito mesmo... Pego um copo com água pra ela. Saio da minha cadeira e vou abraça-la. Identificada com Maria Bonita, sinto com ela uma parte de sua dor. Maria Bonita continua e eu pergunto se eu posso ligar o gravador novamente. Ela me autoriza.

Eu aprendi caminhando pelos espinhos: chorando, sofrendo, sentindo saudade...

Muito íntima de suas dores, pergunto como foi sua primeira noite ali na cadeia?

Ah... é complicado. Eu não vou te falar como foi minha primeira noite aqui, eu vou só te falar que depois desta oportunidade que o Dr Marcos Pinheiro me deu de criar este espaço cultural eu catei os caquinhos. Só o fato de alguém ter me dado uma oportunidade de criar isto aqui eu juntei os pedaços, me reconstruí e voltei a ser eu. Eu digo a você: eu to pronta pra sair e enfrentar as feras!

Se der uma oportunidade para as pessoas, elas conseguem?

Antigamente, para mim, mesmo já presa, ressocialização era uma utopia. Depois do que o Dr. Marcos fez aqui, você vê ressocialização não é utopia basta que alguém queira trabalhar. Eu tenho muita vontade de quando sair daqui, ir fazer uma palestra para os diretores de outras unidades para que eles façam realmente um trabalho de ressocialização. Olha só a nossa saída: é melhor ter um vizinho reabilitado do que ter um monstro criado no Bangu III ou em Benfica. As “pessoas de bem” podem ser a próxima vítima deles. Quando eu digo pra você que sou a favor de um trabalho que reabilite o interno, não é porque sou presa não, é porque eu tenho família na rua e não quero que minhas filhas e nem meus netos sejam vítimas destes monstros. Porque o sistema penitenciário é fábrica de criar monstros. Entendeu? Então eu acho sim, se der oportunidade... Eu digo por experiência, eu era insuportável, nojenta, rebelde não, meus atos poderiam ser rebeldes, mas eu não sou uma pessoa rebelde. Eu sempre fui muito nojenta, muito contestadora, eu perturbava todo mundo, eu gostava de afrontar os outros. Eu ia pra ali pra mexer com os PMs só porque as guardas não gostavam. Eu fazia isso só porque não podia, mas também nunca ninguém tinha me dado uma oportunidade de nada. Você ta me entendendo? Nunca me deram... Quando eu cheguei aqui, em 91, todo mundo podia fazer tudo e eu nada. Sabe o que o sistema penitenciário me obrigou? A querer pular o muro. Eu pulei o muro, eu pulei o muro porque estava apavorada com medo de pegar uma cadeia de 100 anos. O funcionário não conversava comigo, entendeu? Eu não sabia nada do meu processo... Me via morrendo aqui. Cria-se um monstro, eu só pensava em sair e fazer muita atrocidade. Quando a gente vê certas atrocidades não é porque a pessoa tem aquela índole não, ela cria aquela índole. Eu, de classe média, não tinha nenhuma índole, só quando passei a ser presidiária é que as pessoas falavam que eu tinha índole mal. O que é índole? Já vi muito psicólogo aqui do sistema falar de índole. O que é índole, Neilza? Será que só nasce gente de índole ruim na

favela? Não é muita consciência só nascer bebezinho mal na favela? A índole má tem endereço e cor da pele, não é?

O sistema é que cria aquela índole. Eu já estava ficando totalmente diferente do que eu era. Eu já te disse uma vez e vou repetir: a mulher não é bandida. Porque mulher atenta muito para o lado da maternidade. Mulher é mãe, mulher é avó, mulher é apaixonada.

O delito mais forte que a mulher comete é o que? O coração, o sentimento, ela se envolve, aí a gente fala que se envolveu com um homem que era bandido, nem todo mundo acredita. Mas um beijo na boca é fatal. Dizem que foi a Eva que induziu o Adão a comer a maçã. Mas foi o desgraçado do Adão que induziu a Eva. Esses malditos “tudo gostoso”... Entendeu? Homem é coisa que dá água na boca.

Um dia, veio uma moça de um jornal e, na entrevista, ela me perguntou qual era a atriz que eu achava sensual, eu disse que era a Sharon Stone, aí ela me perguntou: e o homem? Respondi, aquele que dá água na boca. E tem certos homens que você olha pra ele e ele dá água na boca. Esses são os desgraçados, fazem a gente de “ralo”. Se você perguntar a metade da caeia porque que está presa, elas vão dizer: por causa de homem. A minoria está porque precisava comprar um leite para o filho para sustentar. A maioria é o homem.

Primeiro, hoje pra mim, isso já não é mais novidade. Mas quem chega pela primeira vez numa favela. Você um homem com fuzil atravessado, aquela calça mostrando as costelinhas, todo gostoso...

O fuzil te seduzia?

Eu nem tanto, mas as meninas sim. Já te disse que arma para mim não era novidade, pois meu pai trabalhava com arma, desde seis anos de idade eu sabia o que era uma “45”. Eu cresci vendo uma “45”. O pai das minhas filhas, um mero trabalhador, andava armado. A gente viajava com as crianças e sempre levava a arma. Era uma forma de proteger as crianças. Você ta me entendendo?

A maioria das garotas do asfalto quando chegavam na favela queriam ficar do meu lado, pois elas sabiam que eu conhecia os rapazes, então ia para perto de mim para depois ir para perto deles. Elas dizem: “ah... tudo gostoso!”

Então eles, esses desgraçados, malditos levam a gente de “ralo”. Mas também não dá para viver sem eles.

E você, quando sair daqui, não quer casar?

Não, eu já sou casada.

Meu marido é um “fofucho” porque pra me aturar, minha filha... Ele é lindo!

Ele vem te visitar?

Não, ele ta preso agora. Ele vai sair na minha frente. Ele só foi cumprir o mandato de prisão de coisas do passado. Daí ele estava trabalhando, já totalmente recuperado quando teve que cumprir uma coisa do passado. A mãe dele era uma grande estilista da sociedade carioca e o pai almirante da Marinha. Eles já morreram.

Vocês sonham com uma vida lá fora?

É aquela coisa, a gente tem uma cumplicidade muito grande um com outro. Independente da parte marido e mulher nós somos muito amigos. Então a gente pretende sim, morar junto. Ele é bem família também, porque eu não me envolveria com uma pessoa que não fosse família porque uma coisa que eu preso muito são minhas filhas, meus netos. Se eu não quero mais problema eu não posso carregar comigo uma pessoa que me traga problema. Minhas filhas conhecem ele e gostam muito dele. Antes de ser preso por estas coisas do passado, todo final de semana ele estava na casa das minhas filhas.

Entendeu? Não sei... por enquanto nós temos esse ideal. Mas é aquela velha história: tudo na vida muda. Não sei se ele vai se encantar com uma mulher e se envolver por ela, se eu vou encontrar um homem e aí vai me dar água na boca. Eu acho que eu não porque, hoje em dia, eu sou diferente. Já não vivo de aventura não. Até porque que hoje em dia eu me separasse dele eu ficaria sozinha. Homem

pra mim só ia ser como objeto: usar e jogar fora. Eles só prestam pra isso, eles são uma delícia, se vendesse no mercado, nossa! Eu ia comprar todo dia um!

Você já teve algum namorado aqui?

Já, mas nada sério não. Alguns por correspondências, mas eu só pensava em ir embora: fugir, fugir, fugir... Ninguém pode se acostumar com a idéia de que pode ficar preso. A única coisa que eu acho que o interno não deveria levar “a parte” é quando o interno tentasse fugir. Porque isso aqui não é bom! Dizer que prende para ressocializar, hoje eu até acredito porque estou passando por este processo mas eu to porque tenho uma família me aguardando. Não adianta abrir aquele portão ali, sem expectativas. Você ta me entendendo? A pessoa sai daqui e não tem expectativa. Eu penso assim, tinha que ter um trabalho aqui mas também tinha que ter, tipo um galpão, que pudesse levar o “Mãos a Arte” para fora. Eu tenho este projeto de levar para uma ONG lá fora... Por quê? Você sai daqui, não tem para onde ir. Ai você vai para onde? Vai subir o morro, vai pegar uma arma emprestada ou pegar uma mercadoria para traficar. Você vai ter que comer, comprar uma roupa, ter um lugar para dormir. A sociedade te rejeita. Sabe quem te abraça? O traficante. O que era para o governo fazer, o governo não faz, são os “donos” de morro que fazem. Se eu não tenho a minha família, se eu saio daqui hoje e vou na Secretaria de Justiça, o doutor não consegue nenhum lugar para eu dormir. Mas se eu subo o morro, vai ter um barraco para eu dormir. O Lula que foi pobre, necessitado, trabalhador tinha que se preocupar com isso. Mas isso não é conveniente. Investir em educação e vida digna pra pobre não é conveniente. Se o povo for educado, ele sabe reivindicar, eles querem mesmo esses garotos “tudo” burro.

Entrevista com Bella

Início uma conversa informal com Bella e a mesma permite que esta conversa seja gravada. Minha relação com algumas presas, dentro do Talavera Bruce, é bastante amigável: conversamos muito. Em uma de nossas conversas perguntei se eu podia ligar o gravador, pois eu já estava cansada e precisava terminar as entrevistas. Bella permitiu. Ela me contava sobre o concurso de miss que participou. Fala de como mantém seu cabelo loiro e quando pergunto a cor de seus olhos fala com orgulho: verdes!

Neste dia, quando cheguei na cadeia Bella estava com a irmã que é advogada conversando numa pequena cabine destinada à conversa com advogados. Era quarta-feira, dia de visita na cadeia. Antes da visita dos familiares, ocorrem as visitas dos advogados. Quando pergunto com quem Bella estava falando o sub-diretor fala: com a irmã, mas na condição de advogada.

Logo que a irmã sai, Bella vem em minha direção, travamos uma conversa informal. E a mesma me diz que estava tentando conseguir, após a pena, o indulto. Começamos a gravar a conversa: Qual seu pseudônimo?

Bella.

Bella é bela mesmo... Você pegou pouco tempo, né, Bella?

Sim, vou sair na condicional no dia 26 de junho deste ano. Peguei 4 anos. Vou ficar 2 anos e 4 meses pelo regime de remissão de pena.

Eu ia ficar 2 e 8 meses mas 4 meses eu ganhei de remissão.

A entrevista foi realizada em janeiro de 2005.

Você está aqui há um 1 ano e 8 meses, então?

No Talavera eu estou há 1 ano e 2 meses. Presa eu estou há 1 ano e 11 meses.

Você foi para o Nelson Hungria primeiro?

Fui, fui para o Nelson Hungria primeiro.

Poxa, ta perto de você sair daqui, heim...O que você vai fazer da vida lá fora?

Falo com mais tranqüilidade e intimidade devido as nossas conversas anteriores

Vou cuidar da minha filhinha, vou retomar a vida que eu tinha antes.

O que você fazia antes?

Antes eu trabalhava na prefeitura mas agora o meu esposo se mudou e ele abriu uma locadora. Vou trabalhar na locadora.

Vai continuar casada com ele?

Vou, claro! vou carregar minha cruz. (fala sorrindo...)

Ele é sua cruz? (pergunto sorrindo, também..)

Ele é... (sorri...)

Por que?

... porque é, agora tenho que aturar...

Por que isso?

Porque tenho...

Não sei se tem... não precisa ser assim, pode ser de outro jeito.

Você gosta dele?

Gosto.

Então não é cruz...

... mas mesmo assim pesa. Pesa mas dá para levar.

Por que pesa, Bella?

Ele é uma pessoa ótima mas tem um gênio, assim, terrível! Mas dá pra levar...

Você pode falar aqui no gravador como você veio pra cá? Mas só se você quiser, se não tiver afim tá tranquilo. Fica a vontade, tá?

Meu esposo é usuário de drogas, então ele ficou preso no “Plácito”.

Onde é o “Plácito”?

Aqui no Complexo de Bangu.

Ele tava preso no Plácito só que ele fuma maconha mais do que bebe água e gastava muito dinheiro com isso e chegou a me pedir para levar. Como o dinheiro da maconha era meu eu achei que não tinha problema levar. Assim, a mãe dele dava dinheiro pra ele mas esse dinheiro que a mãe dele dava não dava pra ele ficar como ele queria. Porque aqui a gente gasta fortuna. O dinheiro vai aqui que nem água. Preciso de dinheiro aqui para comer, o que mais precisa. A unidade dá comida mas a comida não é boa. Na cantina vende comida, refrigerante. Quem pode come. A comida lá é quatro e cinquenta. Você vai almoçar com sede, não? De tarde você quer um lanche, depois você quer um refrigerante. Depois vem uma vendendo uma calça, outra vem vende um brinco, uma blusa. E pinta cabelo e corta e faz vida. Eu vivo como vivo lá fora: eu faço unha, eu pinto cabelo. Só que aqui as coisas são mais caras.

Quanto é para fazer a unha aqui?

A unha aqui é quatro reais. E assim vai. Aqui eu não me rendo a cadeia, vivo como vivo lá fora, eu tento. Muitas se entregam a cadeia.

Como é acordar aqui e saber que tem o dia inteiro para viver aqui?

Puxa, agora tá até mais fácil porque eu já sei que estou indo embora mas no começo era horrível, horrível, horrível... Eu digo que agüentei por causa da minha filha. Eu era uma pessoa muito fraca antes de ter ela.

O que é uma pessoa muito fraca?

Não aguentava muito a pressão, quando via que a coisa era muito grande eu não bancava. Já até tomei chumbinho, uma vez. Por causa disso, depois que vim presa eu achei que não ia agüentar. Mas cada vez que ela vinha e me perguntava: mãe quando você vai sair? Eu digo pra ela que eu estou trabalhando. Aí, no começo ela chorava muito. Ela agora tem 3 anos, vai fazer quatro. No começo, quando eu vim presa ela tinha 1 ano e 11 meses e ela era muito agarrada comigo. Tem uma coisa que eu não esqueço nunca mais. Eu fui presa com ela, numa quarta-feira. Ela foi embora. Na quinta eu fui para Bangu 6. Quando foi na sexta minha mãe levou ela para eu ver. Só que a gente era muito agarrada... Na visita, ela veio correndo e ficou no meu colo. Segurava meu rosto, não deixava ninguém falar comigo. Puxava meu rosto. Segurava no meu rosto e falava: “mãe, mãe, mãe”. Na hora dela ir embora eu quase morri do coração. Como a visita já

estava terminando eu fui colocar ela no chão e ela encolheu as perninhas. Falei: “vai filha, vai com a vovó...”. Ela grudou no meu pescoço e não saiu mais. Gritou: “eu quero a minha mãe, eu quero a minha mãe”. e eu tive que tirar ela do meu pescoço... Foi a pior coisa daqui, fiquei fraca, quase desmaiei. Não sei como cheguei na cela.

Ela ficou muito tempo assim, só no Bangu 7 que ela foi melhorar. Até hoje ela ainda chora muito na hora de ir embora. Às vezes ela vem, brinca e vai embora feliz. Hoje em dia depende. A coisa mais linda é quando ela fala pra mim: “Mãe, eu te amo muito, tá?” É ela que me dá força!

Quando ela chega no portão ela fala: Mãe, Eu vou morrer de saudade. Eu falo: “Vai filha, sábado que vem você volta”. Ela me pergunta: “Mãe quando você vai sair daqui deste trabalho?” Porque eu digo que estou aqui trabalhando, né? Ai, eu falo: “Falta pouco, filha, falta pouco”.

Quem cuida dela?

Meu marido.

Ele dá conta de cuidar sozinho?

Ele mora com a mãe dele, a mãe ajuda a cuidar. Ela vai pra escola, tem lá os afazeres dela, não fica tanto tempo só com ele não.

Você a teve ela com quantos anos, Bella?

Eu tive ela com 18 anos.

Você estava contando que foi presa com ela. Você pode contar como foi isso?

Posso. Eu fui pra visita. Eu ia pra visita sábado, quarta e domingo. Quarta eu ia com ela e com os pais dele e sábado e domingo eu ia sozinha. No dia que eu fui levar foi numa quarta. Ai, a maconha estava no meu tênis e quando eu fui para a sala para revista, ela estava comigo. Mas engraçado, dizem que quando a gente vai ser presa, a gente sente. Isso é a maior verdade. Porque quando eu estava um dia antes, em casa. Já sabia que eu ia levar, já estava conformada. Já estava tudo arrumado. Ai me deu uma tremedeira danada, quando foi assim umas 5 horas da tarde, deu uma tremedeira. Ai eu liguei para meu marido, disse que tava com medo. Ele disse: “Faz o que você quiser”. Eu liguei de novo e falei: “Poxa, tá me dando uma agonia, eu acho que vou ser presa!”. Ele falou assim: “Garota, pára de se agorar!”. Ai eu falei: “Eu to falando sério!”. Ele falou: “Faz o que você quiser!”. Ai eu falei: “Olha só, só quero que você saiba de uma coisa, se eu for presa: Eu te amo, tá?” Ai ele falou: “Garota, você é louca!” Quando eu cheguei na porta do presídio entrei e quando eu entrei eu percebi que uma das funcionárias tinha mudado. Eu já sabia o esquema do presídio e eles nunca revistavam o tênis. Eu ia lá, tava indo já há 6 meses e eles davam aquele mole de não tirar o tênis. Nesse dia quando eu olhei tinham trocado a funcionária, eu olhei e putz... Não tinha como voltar, minha sogra já estava na fila, minha filha no colo. Eu ia falar o quê? Não tinha desculpa para voltar. Eu já sabia que não ia passar na revista. Se eu te disser que achava que ia passar, eu estaria mentindo. Eu sabia que ia ser presa.

Entre na sala de revista com minha filha no colo. Ela me revistou, ai eu virei para trocar a fralda da minha filha. Ela pediu para tirar o sapato, ai eu tirei. Mas já tava tremendo toda, ai ela percebeu. Ai foi que eu vim pra cá. Eu não posso ter flagrante, que eu acuso, dou tremedeira.

Quanto de maconha?

66 gramas. Ele ia fumar em uma semana. Se eu tivesse com uma grama ali eu ia pegar o mesmo tempo de cadeia. Não importa a quantidade, só de entrar com droga na cadeia é caracterizado como 12.

Somos interrompidas por algumas presas que entram na sala onde estávamos

Mas... não vou dizer pra você que eu gosto de estar na cadeia. Mas isso aqui foi bom pra mim. Não vou dizer pra você que eu era ingênua, eu era muito boba, qualquer coisa me comovia, qualquer coisa me deixava triste. Agora, não. Aprendi, cresci mais. Aqui a gente aprende a dar valor a muitas coisas. Dar valor

a minha mãe, dar valor a minha família, dar valor a vida mesmo. Depois que eu sair daqui, do portão para fora qualquer coisa vai ter valor, antes não tinha. Eu só pensava em mim na minha filha. Aqui a gente fica sabendo quem gosta da gente e quem não gosta. Porque é muito mole, né? Só passa daquele portão aqui pra dentro quem ama, porque quem gosta não vem. Porque posso dizer por experiência própria, eu tenho visita quarta, sábado e domingo. Só quem vem é minha mãe, meus irmãos, meu marido e minha filha. Primos e primas não vêm.

Por que?

Falta de tempo. (Em tom de ironia, mas bastante emocionada, com olhos brilhantes de lágrimas). Mas eu não culpo eles não, eu escolhi estar aqui. A culpa foi minha e não deles. Mas, às vezes, eu dava mais valor a eles do que a minha mãe. Às vezes eles vem em festas, em comemorações, mas não vem pra fila da carteirinha. Minha avó, minha avó não consegue entrar aqui. Virava e mexia, ela vinha. Ai me diziam: “Sua avó tá aí, mas não quer entrar”. Eu respondia: “Mas pra quê que ela veio?” Ela dizia que era para ficar mais perto de mim.

Ela tem medo de entrar aqui?

Não é medo, acho que se ela entra aqui ela vai passar até mal. Porque vai ter que ir para revista, é muito constrangedor. Tem gente que sei que não vem porque não vai conseguir. Eu tenho uma tia que não vem porque vai entrar sair e sabe que não vai poder me levar de um lugar desse.

Somos interrompidas por presas que circulam o corredor. Um homem entra e cumprimenta Bella. Ela responde: “Te conheço?”. Soube pela própria Bella que ele era professor de artesanato. Desprezando a presença do homem. Continua a entrevista:

Deixa eu ver como vou te explicar... Pra mim não é tão difícil assim estar aqui dentro. Quando meu marido foi preso, eu não conseguia dormir em casa. Ficava apavorada achando que tinham posto ele num meio de bicho. Tinha um dia que eu tava em casa, no dia 6 de outubro, tava passando uma reportagem na televisão, que tava dando aquela rebelião em Bangu 1, aí ele tava dizendo que bandido bom é bandido morto. Eu falei: “Isso mesmo, joga uma bomba nesse lugar, Mata eles... pra quê vai deixar essas coisas vivas?”. Aí no dia 29 de outubro meu marido é preso. Fiquei desesperada.

Ele foi preso porque?

Foi assalto.

Você sabia?

Não. Ele foi dar um bonde para um garoto que ia assaltar

O que é dar o bonde?

Ele tinha o carro e ia dirigir pro cara. E ele foi.

E você, sabia?

Não, desta vez eu não sabia. Mas ele adorava dar o bonde.

(Há uma interrupção...)

Aí ele foi preso. Fiquei desesperada. Primeiro eu não acreditava que ia ficar preso. Me disseram que ele tinha ido par Polinter. Pensei puseram meu marido no meio daquele montão de bicho. Porque pra mim eles eram tudo bicho.

Isso foi numa segunda-feira. Quando foi na terça eu fui vê ele. A revista lá é normal, igual a qualquer discoteca quando a gente entra. Lá, eles chamam de maracanã. Tem uma tela que dá pra você vê aonde eles ficam. É uma sala pequena com mais de cem presos e quarenta vistas. Pra você falar você tem que gritar. É uma sala pequenininha. Aquelas pessoas maltratadas, pessoas descuidadas, pobres, sujas. Olhei lá pra dentro e pensei meu marido vai morrer aqui. Ainda mais com duas facções ali dentro. Fiquei desesperada. Quando eu entrei ali fiquei apavorada... mas depois fui vendo que do mesmo jeito que meu marido era gente, os outros também eram. Da mesma maneira que meu marido cometeu um delito os outros também cometeram. Então, porque meu marido era melhor que eles? Porque tinha uma visita, porque lá fora ele era melhor? Não,

eles são todos iguais. Depois fui conversando, fazendo amizade e fui entendendo que eles não eram bicho. Depois meu marido foi para uma cadeia um pouco melhor e fui entendendo que as pessoas não são o que eu pensava. Hoje ele tem amizades da cadeia que vão na casa dele. As pessoas do bem. Existe os do bem e aqueles que vai e volta. Do mesmo jeito que o meu marido prestava, tinha gente que prestava também.

Mas, como foi pra você vir pra cá, com toda esta idéia?

Eu conhecia a cadeia de homens. Já aceitava melhor os presos. Mas quando vim pra cá achava que só ia encontrar aquelas mulheres barraqueiras da favela. Aquelas da pior espécie. Quando eu cheguei, veio uma outra presa: uma negra alta, forte, sem dente, falou: essa é minha. Elas falam brincando. Mas eu não sabia, fiquei desesperada, pensei: “agora, elas vão me matar”. Eu deixava ninguém chegar perto de mim, ia me afastando. Elas vinham falar comigo e eu ficava com medo. Mas depois eu fui vendo que muitas tinham a mesma vida que eu, outras tinham sofrido mais que eu. Vi que umas tinham família igual a mim, eram mães igual a mim. E estou aqui até hoje, não arrumo confusão. Acordo, trabalho e vou direto pra minha cela. Nunca arrumei confusão com ninguém.

Você vai sair daqui e vai fazer o quê?

Vou pra minha casa, dormir na cama com a minha filha.

E no dia seguinte?

Vou direto grudada com minha filha, pelo menos um mês. Tudo normal. Eu não tenho medo de ser discriminada. Não vou esconder nada de ninguém.

Você vai falar?

Pode ter certeza, eu não devo nada pra ninguém! Eu não ia falar se eu tivesse matado algum inocente, tivesse seqüestrado uma criança, espancado uma criança. Mas aí eu não ia dizer não, ia ter vergonha. Mas o que eu fiz? Ninguém tem nada com isso. Ninguém me sustenta na cadeia. Quem me sustenta aqui é minha mãe e meu marido. Olha, cadeia é para todos. Eu to aqui porque fui pega neste delito, tem muita gente que faz e não é pego. Tem muita gente que está numa situação se a polícia chegar, vai preso. Não disse pra minha filha agora, pq ela não vai entender. Se eu te disser que ela não sabe, eu vou estar mentindo. Ela sabe mas não entende. Ela vê polícia aqui. Ela diz que eu estou trabalhando. Mas o pai dela trabalha e não está aqui, a avó dela trabalha e não está aqui. No fundo, no fundo ela sabe. Ela não entende, mas sabe. E daqui pra frente eu vou falar com ela. E acho que daqui pra frente eu não vou ser discriminada não.

Porquê?

Primeiro, vai depender da maneira como você age. Se você fala com medo, você mesmo se discriminando, as pessoas vão te discriminar. Se você falar assim como se você pagou por algo que você se arrepende, aí tudo bem. Não vou chegar falando, mas se rolar um assunto eu não vou ter vergonha de dizer. Tanto não tenho vergonha que minha cara já saiu em muitos lugares pelo concurso de miss.

(Fomos interrompidas novamente. Bella deveria ser recolhida para o intervalo da hora do almoço, no qual há um intervalo.)

Tá ansiosa, Bella, pra sair?

Eu estou até me estranhando... Não to ansiosa, estou paciente. Vou quer levar amigos, aqui a gente faz laços de amizade bem forte. Só pra você ver. Quando fui presa eu fiz uma primeira amizade com uma amiga que estva grávida aqui. Ela saiu. Outro dia eu recebi uma carta dela com a foto do filho. Atrás estava escrito assim: “para minha dinda”. Na hora pensei que ela tivesse trocado de foto. Dentro da carta é que fui ver que ela havia me dado o filho dela para batizar. E ela dizia que não ia querer saber de ninguém quando saíssem daqui.

Bella saiu da cadeia e visita, constantemente, suas amigas de prisão. Quando estava presa estabelecia um culto ao corpo, participando, em

consequência disso, de concursos de miss Talavera Bruce. O culto a beleza é uma forma de construção de linhas de fuga a institucionalização. Um discurso recorrente é aquele que diz que não pretende se “acabar” na cadeia. Há uma luta constante de não institucionalização, esta luta ocorre de diversas maneiras:

- não utilização de vocabulários próprios da cadeia (gírias de cadeia, palavrões);
- não namorar outras mulheres dentro da cadeia;
- não utilizar drogas;
- não ouvir funk;
- cuidar do corpo e não se “entregar” a cadeia.

Estes não eram excludentes, algumas presas se utilizavam de duas ou mais estratégias de não-institucionalização. Acredito que a forma mais evidente de criação de linhas de fuga era o culto ao corpo. Neste, as presas diziam, através de seus corpos que estavam vivas. E mais, que eram mulheres como qualquer outra. Nada irritava mais uma presa que a surpresa de outras pessoas frente a vaidade delas:

As pessoas chegam aqui e olham pra gente como se a gente estivesse num jardim zoológico. Um dia uma mulher chegou aqui e disse assustada para a amiga: “Olha só, elas fazem a unha!”. Eu, heim... Ela pensa que depois que a gente entra aqui nós deixamos de ser mulher e viramos bicho? (Lenice – Interna do TB)

A luta pela desinstitucionalização se dá a partir da manutenção de um corpo que mantinha características sociais vigentes de beleza feminina⁵, tais como manter-se magra, usar adornos e bijuterias, cortar cabelos, pintar unhas e cabelos, dentre outros cuidados efetivamente conferidos ao universo das mulheres. Esta manutenção se fazia cotidianamente e de maneira clara ou sutil. Especificidades que só o cotidiano pode apresentar para um atento pesquisador. Ler este cotidiano foi meu maior desafio. A partir das 154 entrevistas, assinalei algumas categorias recorrentes nas falas das mulheres.

⁵ Sobre a relação da beleza com as estratégias de poder na contemporaneidade ver: NOVAES, 2004.

5.2. Culto ao Corpo: Linha de Fuga

A aparência passa então a ser o que de mais particular, único e singular o indivíduo possui. Paradoxalmente, o que há de mais íntimo, pessoal e com maior atribuição de valor social, está na superfície do sujeito – na pele. (NOVAES, 2004, p. 45)

A cadeia é uma instituição total que tem por objetivo não só a exclusão social, mas o esvaziamento do sujeito. Ou seja, seus dispositivos tendem a apagar as diferenças. As presas aparecem como número nas estatísticas ou uma referência no código penal: “Esta é a 157”. Desde o uso dos uniformes a compartimentalização dos espaços e do tempo dentro da cadeia. Muito comum era ouvir: “Não quero me entregar a cadeia” ou “Tem mulher aqui que se entrega”. Se entregar a cadeia significava ficar absolutamente institucionalizada, ou seja, sem signos de diferença inscrito, em especial, no corpo. Diariamente construía-se algumas linhas de fuga dentro da cadeia. Linhas singulares. Entretanto uma era recorrente: o culto ao corpo. Se extra-muros o culto ao corpo pode estar inscrito no âmbito do biopoder e de uma alienação, dentro da cadeia, todavia este culto estava inscrito no contexto das linhas de fuga.

A imagem toma lugar do sujeito e, sem perspectiva de si mesmo, não há identidade possível – torna-se estrangeiro em seu próprio corpo, alienado em si mesmo, pois ele é, somente, enquanto imagem. (NOVAES, 2004, p. 46)

O culto ao corpo participa dos processos de subjetivação dos sujeitos. Subjetividade que, segundo Guattari (1996) é entendida enquanto essencialmente social e apropriada singularmente pelos sujeitos. Esta apropriação pode ser alienada, puro efeito de uma reprodução ou criativa, produto de processos de singularização.

O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o sujeito se submete à subjetividade tal qual como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade. (GUATTARI E ROLNIK, 1992, p. 33)

A esta reapropriação do culto ao corpo dei o nome de linhas de fuga⁶. Ou seja, a utilização do culto ao corpo enquanto uma estratégia de luta contra a maciça institucionalização.

⁶ Peço ao leitor que este termo seja lido a partir do significado aqui exposto, ou seja, enquanto uma possibilidade de fuga a maciça institucionalização. Maiores informações sobre este termo

Aqui eu me cuido, não quero me entregar a cadeia não. Eles podem tudo, até me matar. Mas enquanto não me matam eu passo batom sim, coloco anel e brinco (...) Um dia uma mulher aí de fora chegou aqui e ficou assustada com a gente toda arrumada e bonita. O que ela queria ver? Um monte de bichos enjaulados? (Giselle - Interna do Talavera Bruce)

Assim a fala de Giselle nos serve como chave de entendimento para reconhecer o quanto o culto ao corpo significava uma ousadia lícita. Segundo as presas, o culto ao belo estava associado à auto-estima. Auto-estima esta que ficava absolutamente comprometida com a prisão. Uma vez que não estavam “enjauladas” torna-se belas era estar viva, na ótica das presas. E mais, acredito haver uma associação entre civilidade e beleza, uma vez que, segundo Novaes (2004), o culto ao corpo é mais um item no âmbito da regulação social do corpo da mulher. A preocupação com a imagem é mais um signo do “etos burguês” que, conforme Novaes (2004) estabelecia a idéia de adequação através da apresentação contida no corpo e suas vestimentas. Todavia, a roupa e a imagem considerada “adequada” para as presas designava o conjunto de valores aos quais estavam associadas. Valores estes nos quais o corpo sexualizado era de suma importância. Assim, mostrar um corpo desejável sexualmente era o signo de beleza na cadeia. Os concursos de beleza eram para as presas um grande acontecimento no qual sua imagem ficava associada ao belo, ao desejável e, segundo o olhar delas, ao civilizado. Havia na beleza, a partir das inúmeras falas, uma relação de poder.

Outro poder que se fazia presente era na relação que as “mais bonitas” diziam ter com os agentes penitenciários. Segundo as presas, eles davam mais atenção e eram mais complacentes com seus pedidos. Neste jogo de sedução, permanecer o mais parecida possível com o que fora enquanto não estava presa era manter-se o mais longe possível da institucionalização. Institucionalização esta que as tornava menos mulheres e, aos seus olhos, menos gente: *O impacto que a feiúra tem sobre a imagem da mulher é justificado pelo discurso que diz que a feia é menos feminina* (NOVAES, 2004, p. 59). E nenhuma mulher ali queria ser menos mulher, umas poucas possuem trejeitos masculinos para marcar lugar de “marido” dentro da cadeia. Mas até mesmo estas possuíam uma preocupação com a imagem. Já ouvi “Maria Bonita” dizer que iria suprir o pão francês de sua alimentação para que permanecesse magra.

O leitor talvez pense que na cadeia as mulheres eram “esculpidas” tais quais as que vemos transcorrer diariamente nas ruas da cidade. Não, seus corpos não eram esculpidos e nem tampouco suas imagens eram as esperadas pelo “etos burguês”. Mas tentam, a partir da invenção do cotidiano, construir um corpo menos institucionalizado, um corpo que não tenha as marcas da exclusão que a cadeia constantemente se empenha em construir⁷.

Outro dado interessante no que tange ao conceito de civilidade e aceitação social através do corpo diz respeito ao conceito de raça e cor da pele. A grande maioria das mulheres presas pintavam seus cabelos de loiro e tentavam exibir uma aparência mais “branca” possível. Havia, no Talavera Bruce, um jornal concebido e construído pelas presas com a ajuda de uma Organização não-Governamental. É o jornal “Só Isso”. Este jornal era dirigido por uma presa alemã que fora presa, junto com sua mãe, por tráfico internacional de drogas. Ambas estavam presas no Talavera Bruce. Esta presa nunca quis me dar entrevista, todavia gostava muito de conversar comigo sobre o livro que lia repetidamente: “Ulisses”, de James Joyce. Ela, por muitas vezes, me convidou para sentar ao seu lado para ler para mim alguns trechos deste livro em alemão e, traduzia ao seu jeito, para o português. Após a tradução me convocava a refletir sobre o trecho atrelando sempre a realidade prisional. Sobre este meu encontro com a “Alemã” (nome dado pela mesma na cadeia) só poderei tornar público, a pedido da mesma, quando Alemã concluir sua pena e retornar, com sua mãe, para Alemanha. Esta presa sentia o que se chama de “paranóia de cadeia”: sentia medo de tudo. Respeitando-a, tornarei estas conversas públicas após a ida, em definitivo, da mesma para Alemanha. Sua pena terá fim em 2006.

Retomando o Jornal da cadeia, o “Só Isso”⁸. Neste, foi feito pela equipe do jornal uma pesquisa, no qual fora distribuído questionários visando responder: quem era a mulher do Talavera Bruce? Estes questionários continham, entre outros itens, um perguntando a cor de cada presa. O resultado desta pesquisa foi que mais de 80% das mulheres do Talavera Bruce se diziam “brancas”. A grande

⁷ A questão do culto ao corpo e sua relação com as formas de exclusão na contemporaneidade é profundamente discutida por Novaes (2004). Não pretendo aqui me ater às inúmeras formas em que o bio-poder se faz presente nos processos de “escultura” dos corpos. Apenas assinalo o culto ao corpo como uma forma de criação de linhas de fuga a institucionalização.

⁸ O Jornal “Só Isso” é absolutamente capturado pelo Estado, já que só pode ser publicado os informes e matérias aceitos pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro.

maioria da população negra e mulata se dizia branca. Como refutar isso? Dentro da cadeia esta era a verdade, não houve nenhum questionamento acerca disso. Ninguém, diante da imensa população negra encarcerada refutou tal resultado.

Tal fato, ao meu ver, reintera o ideal de recuperação atrelado à imagem do civilizado e “não-bandido” associado ao branco, preferencialmente rico e consumidor:

Ser diferente é ser uma exceção – ou seja, o negro “normal” é marginal, ignorante. O discurso ideológico da sociedade é introjetado e assimilado pelo Super Ego. Na formação do seu Ideal de Ego não lhe escapa nenhuma das características do modelo opressor: ser branco, rico e consumidor. (VILHENA, 2005-a, p. 23)

Vilhena (2005) fala de um “embranquecimento” físico e cultural. Uma vez que a raça supostamente honesta é “branca”. Talvez possamos inferir que seja este um dos motivos para que uma cadeia negra se designe branca. Há, de uma maneira implícita, a idéia de que a criminalidade é negra, fazendo necessário uma introjeção de modelos “brancos”. Voltamos ao tema de que cultura aceitável e, portanto cultura civilizada é concebida como algo branco. Nesta rede, o ideal é a imagem do colonizador europeu. Esta, em consequência, refuta tudo que foge ao ideal “branco de cabelo e nariz fino” (VILHENA, 2005-a, p. 24).

O culto ao corpo, ao meu ver, se une a questão da raça já que ambos buscam a aprovação aos olhos dos outros e constroem vínculos sociais. Se a questão racial trás sua marca desde a escravidão, a beleza, todavia se inscreve de maneira singular na contemporaneidade. Beleza e culto ao corpo são balizares de um *locus privilegiado da construção identitária feminina* (NOVAES, 2004, p. 10). Manter esta identidade assegurada é o objetivo das mulheres ao cultuarem seus corpos.

Lembro ao leitor que no Talavera Bruce há uma pequena sala com objetos bastante antigos que tentam se assemelhar a uma academia de ginástica: uma velha bicicleta ergométrica, alguns “pesinhos”⁹ de ferro, alguns colchonetes no chão, um espelho ocupando uma parede inteira e um aparelho de som. E mais, num mesmo horário (antes do “confere”) as presas se reúnem para “malhar”. Ou seja, algumas presas criam coreografias de “funk” em frente ao espelho, produzindo, em consequência disso, uma atividade aeróbica.

⁹ Matérias de ferro utilizado nas academias para promover “peso” e fortalecer a musculatura.

Como já fora dito por mim: *Meus cúmplices são os negros de todas as raças*. Negro aqui é signo de exclusão, pois há brancos que são negros por estarem em situação de exclusão, entretanto não há negro que, efetivamente, seja branco.

Minha entrada na cadeia e o especial acolhimento das presas se deu, ao meu ver, em grande parte por conta da minha raça. Enquanto afro-descendente minha imagem não se assemelhava ao do colonizador. O meu nariz “não-fino”, minha pele “cor de canela” e meu cabelo encaracolado sinalizava uma familiaridade aos olhos das presas¹⁰. Por mais distante socialmente que estivéssemos, em algum momento nos reconhecíamos no preconceito.

Como se fora brincadeira de roda
Redescobrir o sal que está na própria pele
Renascer da própria força, própria luz e fê
Entender que tudo nosso e sempre esteve em nós
Somos a semente, ato, mente e voz.
Como se fora brincadeira de roda...
(Redescobrir – Gonzaguinha)

E neste brincar cíclico oferecido pela brincadeira de roda, apresento, a seguir, algumas outras categorias recorrentes nas 154 falas: a família e religião.

5.3. Família e Maternidade: Projetos Futuros

A noção de família atravessava todas as falas, seja pela presença ou pela ausência da mesma. Nota-se, todavia, que a ausência de familiares consanguíneos era facilmente substituídos por outros sujeitos que, enquanto parentes “substitutos” ocupavam um lugar de importância da rede no qual as presas estavam inseridas. Muitas vezes eram amigos que diante da presença constante nas visitas eram identificados como “irmão” ou “irmã”. Outras tantas vezes eram amigos feitos na cadeia, enredados na dor construíam uma rede de sobrevivência pautado na amizade ou num “parentesco construído”. Entretanto, o modelo relacional vigente na cadeia era o modelo familiar.

¹⁰ Maiores informações sobre a integração e problematizações do negro dentro da sociedade capitalista ver: FERNANDES, F. “A Integração do Negro na sociedade de Classes” São Paulo, Dominus, 1986.

Eu não tenho ninguém neste mundo. Ninguém era por mim. Depois que entrei na cadeia eu fiz amigos. Amigos que são mais que família. Bem dizer, a cadeia me deu a família que eu não tive. (Luana – Interna do TB)

Perversamente a cadeia, local explícito de exclusão, tornava-se a única possibilidade de se construção de uma família. Não por ser uma “boa” a cadeia e sim pela dor que unia, pela dor que apaziguava algumas diferenças, pela dor que lançava fogo as possibilidades de existência individuais. Era a dor e não era a cadeia que unia algumas mulheres dentro do sistema carcerário. Mesmo com a presença de inúmeras brigas e desafetos era bastante comum ouvir que a cadeia era lugar de fazer amigos. E esta amizade, como já foi dito, era pautada nos signos familiares.

“Aquele ali, ô, é minha irmãzinha de cadeia”
“A “X” é minha filha de cadeia”

A cadeia feminina era composta de mulheres. Mulheres socialmente construídas. Construção esta que não se ausentava em função do delito cometido, ainda que este não tivesse contornos do que se esperava de uma mulher. A cadeia feminina era um grande espaço privado a reproduzir algumas regras e normas deste espaço.

Retomo Goffman (1961) e seu conceito de instituição total, no qual a prisão, enquanto instituição total era um espaço no qual os sujeitos realizavam integralmente sua vida dentro de um mesmo espaço. Neste espaço a cela era o espaço mais privado a que tinham acesso. Apesar da constante exposição, própria das instituições totais, a experiência de estar presa estava remetida a uma experiência de reprodução dos valores do espaço privado. E nesta reprodução, a família e, em especial, a maternidade era tema sacralizado. O documentário “O Cárcere e a Rua” apresenta bastante claro este tema. O documentário traz a vida de três presas no sistema carcerário de Porto Alegre (RS) e as dificuldades diante da vida extra-muros. Uma das presas foi presa por ter matado seu filho. Tal atitude a colocava em situação de eminente perigo de vida dentro da cadeia. Inúmeras presas tentaram matá-la dentro do cárcere.

Reintero que não estou aqui me remetendo a uma suposta natureza feminina alheia a construções sociais, ao contrário é a partir desta construção que as penso. A mulher é construída socialmente e sua subjetividade também. Assim sendo as presas o também o são. Ou seja, as presas não deixam de ser mulheres

historicamente construídas em função de serem delituosas, assim sendo, comungam dos mesmos elementos constitutivos de sua feminilidade, em outras palavras, participam dos mesmos modos de subjetivação.

Modos de subjetivação¹¹, numa perspectiva foucaultiana, participam da composição dos “jogos de verdade” que engendram o repertório existencial dos indivíduos. Ou seja, a maneira pelo qual os sujeitos se reconhecem. E assim, participam do modo como vivem e percebem tanto a si mesmo como o mundo que os cerca.

A mulher e todas as verdades acerca dela se dão a partir de uma certa construção social. Construção esta que, como já citamos anteriormente, a constitui, ou melhor, participam dos seus modos de subjetivação. A mulher presa é, em consequência, também produto desta construção que estabelece um lugar privilegiado ao espaço privado e a maternidade. Assim posto, esta construção atravessa a experiência de encarceramento. Pretendo sugerir que a experiência de estar presa está remetida a uma experiência do espaço privado. E, enquanto tal, os assuntos ali discutidos possuíam uma hierarquia de valores. E nesta hierarquia de assuntos, a maternidade ocupou um lugar de destaque.

As celas, nos discursos informais, eram consideradas “casas” e as companheiras de cela consideradas “vizinhas”.

“Fui vizinha dela durante dois anos lá no Talavera Bruce.”
“Moro no pavilhão 3”

Algumas relações dentro da cadeia reproduziam as relações familiares. Havia inúmeros grupos de mulheres que se uniam por algum tipo de afinidade. Assim, estas construíam uma célula relacional. Nesta célula, havia a reprodução de valores familiares – a casa. Em contraposição da casa, a rua não pôde ser efetivamente identificada por mim. Certamente a rua era o muro que dividia a parte interna da externa na cadeia. Fiquei atenta para identificar uma “rua” dentro dos muros da cadeia. Todavia não vi nenhuma separação clara.

A experiência de estar presa remetida ao espaço privado cria comportamentos e valores *que constituem a própria realidade e que permitem normalizar e moralizar o comportamento por meio de perspectivas próprias.* (DAMATTA, 1997, p. 48)

Assim, a realidade construída dentro da cadeia feminina constrói sua realidade ao redor do conceito de maternidade. O ideal de vida fora da cadeia é junto aos filhos. As mulheres se vêm amparando ou sendo amparadas pelos filhos. Entretanto a maternidade não é tão somente a gestação de um filho. Segundo o estudo antropológico de Fonseca (2000) o sistema matrifocal tem sua característica marcada no crescente poder da mãe com o aumento da idade dos filhos, tendo uma outra característica: o convívio.

...no sistema matrifocal, a autoridade materna cresce com a idade dos filhos, com os quais a mãe forma um bloco político. Mas tal processo ocorre somente quando a intimidade entre mãe e crianças continua durante a adolescência e a vida adulta dos seus filhos. (FONSECA, 2000, p. 64)

Não pretendo problematizar o convívio e nem tampouco as relações entre mães e filhos, entretanto é notório que a vida segue enquanto as mulheres estão presas. A vida e seus inúmeros acontecimentos não se enclausuram. A constância é o movimento. Movimento este sempre problematizado nas conversas e angústias das presas. O fato dos filhos estarem crescendo sem a presença da mãe era sempre motivo de dor. Umas diziam que pretendiam “ganhar” este tempo quando saírem de lá, outras, todavia, pretendiam ter outros filhos ao término da pena. Ante ao sofrimento freqüente, a tônica da maternidade é que constrói uma vida extra-muros, ou seja, um projeto futuro.

O filho aqui poderia ser lido como uma estratégia de sobrevivência, já que as famílias, segundo Fonseca (2000) são boas estratégias de sobrevivência das classes populares. Entretanto marco com bastante grifo que a mulher foi construída sobre a égide da maternidade. A maternidade é o lugar no qual encontram aceitação e pertencimento social. Negar este lugar é negar a própria reinserção após o cumprimento da pena.

Aproveito este estudo para marcar a necessidade do cuidado com os filhos das presas, em especial os filhos menores de idade. Filhos estes que são condenados pelo ventre a uma prisão social. Filhos que resgatam a senzala contemporânea em que vivemos. Onde estão estes filhos? Pouco se sabe. O juiz delega, burocraticamente, a guarda a alguém ou a um abrigo do Estado e não se fala mais disso. Como já fora dito, visitei um filho de uma detenta num abrigo de

¹¹ FOUCAULT (1984)

menores do Estado. Tratava-se de um menino de 12 anos. Absolutamente entregue a própria sorte.

Sobre este episódio retomarei na conclusão deste trabalho. Por hora, farei uma explanação sobre a última categoria destacada nas 154 entrevistas: a religião.

5.4. Religião: Tática de Sobrevivência

É preciso, portanto, especificar esquemas de operação. Como na literatura se podem diferenciar “estilos” ou maneiras de escrever, também se podem distinguir “maneiras de fazer”. (CERTEAU, 2003, p. 92)

A cadeia é um espaço completamente compartimentalizado no qual o poder coercitivo é explícito. No Talavera Bruce¹² este esquadrimento existia de forma clara, ainda que todas as presas pudessem circular por alguns espaços livremente (área interna do presídio) e não ficassem 24 horas do dia em suas celas, tal qual ocorria do Nelson Hungria. Em estudos futuros, pretendo fazer um paralelismo dos atravessamentos da experiência carcerária nestas duas formas de encarceramento feminino: enclausuramento total e enclausuramento circulante¹³ (como ocorre no Talavera Bruce).

Uma vez que meu trânsito e maior contato se deu no contexto prisional do Talavera Bruce, foi deste regime circulante de aprisionamento que falei. Por regime circulante de aprisionamento designei o sistema do Presídio Feminino Talavera Bruce, no qual as presas podiam circular por uma área interna demarcada que compreendia: as galerias, as oficinas de atividades, ao salão de beleza, ao refeitório, a pequena academia de ginástica, ao pátio interno e a todo prédio espaço interno do prédio no qual ficavam os ambulatórios, a administração do presídio, as salas destinadas a atividades religiosas e educativas. Havia um templo evangélico dentro do Talavera no qual o trânsito livre era permitido.

Apesar da aparente “liberdade”, o trânsito das presas devia ser demarcado por uma disciplina. As presas deviam estar presentes nos “conferes” e, caso

¹²Dei destaque ao cotidiano do Talavera Bruce já que foi neste espaço que passei a maior parte da pesquisa. Sentindo-me, em consequência, mais capacitada para discorrer sobre o mesmo.

¹³ Estes termos: enclausuramento total e enclausuramento circulante foi criado por mim, dado as experiências nas duas formas de aprisionamento. Não há, na lei ou em qualquer outra bibliografia a que tive acesso, nenhuma menção a diferentes formas de encarceramento. Há a diferença, somente, para o regime fechado e o regime semi-aberto. Estes dois tipos de enclausuramento: “total ou circulante” dizem respeito ao regime de reclusão fechado.

desejassem, podiam fazer parte de atividades laborativas oferecidas dentro do espaço do Talavera Bruce.

O Talavera Bruce era dividido em galerias cuja divisão se dava, segundo o subdiretor do presídio, em função do comportamento das presas. Todavia, as que possuíam bom comportamento eram as evangélicas ou as que professavam publicamente “temor a Deus”. Suponha que se tratava de mais um mecanismo de disciplina. A outra galeria era ocupada pelas que, na fala do subdiretor, “davam trabalho”.

Dar trabalho significava brigar, fazer balbúrdias, desobedecer às regras disciplinares. Muitas das que “davam trabalho” ainda estavam remetidas ao tráfico de drogas, vendiam drogas intra-presídios através de celulares. Estas faziam o “movimento” de dentro da cadeia. As que “davam trabalho” e ainda permaneciam no tráfico, não estão associadas a lugares de “poder”, dentro do contexto do tráfico.

As presas que faziam o “movimento” não gostavam de dar entrevistas e me viam como uma “aliada” das evangélicas, dada minha aproximação com as mesmas. Entretanto, nunca fui hostilizada por nenhuma presa no Talavera Bruce. Ao contrário, todas, até mesmo as ditas mais indisciplinadas, me tratavam cordialmente. Travavam conversas informais comigo, mas não queriam ter suas vozes gravadas. Nossas relações foram espessas, já que eu só estava no presídio durante o dia. E estas dormem durante o dia e se mantêm acordadas à noite.

Pude visitar as galerias das evangélicas e das não-evangélicas. Por medida de segurança, só entrava na galeria das não-evangélicas com o vice-diretor do Talavera Bruce, durante o “confere” das 17 horas. Todavia não adentrei nas celas. As celas, no Talavera Bruce, eram individuais.

Nas galerias das ditas “evangélicas” pude circular com relativa liberdade. Cabe assinalar que uma boa parte das mulheres presas no Talavera Bruce que se diziam “evangélicas” ou “em processo de conversão”, o fazem, objetivando uma relação de convivência amigável com a equipe disciplinar. Ser evangélica, dentro da realidade do Talavera Bruce, era estar, aos olhos da direção e da equipe disciplinar, aberta a uma “nova vida”, em consequência, apta a reinserção no mundo dos viventes fora do mundo do crime.

As generalizações, no contexto carcerário, são perigosas. Cabe marcar que a presa considerada pela direção e toda equipe técnica do Talavera Bruce como a

“mais confiável” professava o Espiritismo como religião. Seria mais fácil estabelecer uma regra geral para a dinâmica interpessoal dentro do Talavera, entretanto isso não corresponderia com a realidade do que fora visto por mim lá.

A presa Espírita era a única que cuidava da sala da administração disciplinar. Nesta, havia algemas, armas, documentos importantes. Além de assuntos confidenciais discutidos naquele espaço e ouvido pela presa, diariamente. A presa era “faxina”, ou seja, responsável pela limpeza e organização da cadeia. Esta, em especial é “faxina” da equipe disciplinar. Trata-se de uma senhora de meia-idade. Muito queita. Figurava como um fantasma nas instalações da equipe disciplinar. Nada falava e parecia nada ouvir e em tudo obedecia. Curiosa com aquela senhora, pedi que a mesma me conferisse uma entrevista. Ela pediu autorização ao vice diretor e, após a autorização do mesmo foi conversar comigo no pátio do Talavera Bruce. Quem era aquele “corpo tão dócil”, eu queria saber. Ela escolheu seu pseudônimo: “Coração Frágil”.

Entrevista com “Coração Frágil”

Já que você me falou que só me concederia esta entrevista caso eu não tocasse no crime, vamos falar de outra coisa. O que você pretende fazer quando sair daqui?

A Coração Frágil chegou com um papel da VEP (Vara de Execução Penal) dizendo que ela ia sair em 09/12/2002.

Eu quero ir morar com meus netos e com minha filha. Reconstruir a família porque está tudo separado. Eu quero ficar perto da minha família porque meu sonho é esse. Quero trabalhar mas se eu não puder, minha filha me ajuda.

Você tem casa lá fora?

Tenho, tenho minha casinha.

E por que “Coração Frágil”?

Meus filhos me chamam de “Coração Frágil”. Eles não sabem se teriam a coragem que eu tive, pois eu fui direto ao Talavera Bruce.

As pessoas que estão lendo agora devem estar curiosas. Você não pode dizer a quem você foi acusada?

Fui acusada de matar meu marido depois dele ter chutado a barriga da minha filha com seis meses de gravidez de alto risco. Nós temos que encarar o problema de frente.

Mas você está encarando este problema de frente há muitos anos.

É... Nós temos que encarar o problema de frente e já estou encarando há 6 anos. Aqui dentro é um outro mundo. Aqui dentro você passa a conviver com coisas que você nem sonhava que existia. Você passa a conviver com pessoas usuárias e com quem trafica também. Você tem que ser muito forte e resistente a tudo e a todos.

Quando eu sair daqui eu quero curtir com minha família, fazer aquela festa, aquela coisa... Depois entrar na rotina, viver aquela vida por viver. Na minha idade, com 56 anos, eu só quero descansar.

Quem não tem uma estrutura lá fora se agarra ao portão da cadeia para não sair porque não tem para onde ir. Aí volta por um furto. Já vi menina indo e voltando várias vezes. Vai e volta, vai e volta. Não tem ninguém lá fora, o melhor é se

agarrar ao portão da cadeia. Agora mesmo tem uma aí que está voltando depois de ter tirado, na segunda cadeia, 3 anos. Ela tá voltando. Agora vai tirar o quê? “171” deve ser uns dois anos, sei lá. Ela tira a metade da pena, vai embora. Ela pode até ter aonde ficar, mas não tem quem dê força. E para uma ex-presidiária tudo fica ainda mais difícil. Sem família então impossível. Você sabe que o governo não faz nada. Então fica difícil pra pessoa. Porque elas saem daqui não tem emprego, aí vão traficar, tentar armar. Aqui elas tem teto e comida. Tem o que elas chama de “sapatório”. Aqui ninguém passa aperto por parte sexual.

Me explica, como é esse sapatório?

Ah, é mulher com mulher. Elas beijam, se abraçam, elas dizem que é uma relação. Só que para mim isso não funciona, pra mim isso é horrível. E assim elas vão indo, vão vivendo a vidinhas delas como podem. Se der sorte de sair viva, tá bom. Muitas saem daqui mortas. Por uma overdose, por briga, por um tombo de mal jeito. Uma agressão aqui dentro sempre tem uma desculpa.

Hoje falta menos que ontem, Eu sou uma árvore. A árvore é presa mas não amarga a sua prisão. Porque ela nos dá frutos, sombra e mesmo assim tem alguma pessoa que corta seu galhinho e ela fica calma. A árvore é livre? Não, ela é presa. Eu só perdi o direito de ir e vir. Como a árvore eu tenho meus galhos: meus filhos, meus netos. Assim eu fico de pé e vou vivendo. A árvore é presa e nem por isso amargou a sua prisão. Eu também não vou amargar a minha. A minha árvore está em pé. E assim eu vou vivendo. Hoje falta menos tempo que ontem.

A direção e a equipe administrativa do Talavera Bruce era composta, em sua maioria, por evangélicos, como já foi dito. Estes se empenhavam na manutenção de um “templo” evangélico dentro da cadeia. Este templo era bastante visitado pelos pastores evangélicos que dinamizavam este espaço com inúmeras atividades. Atividades estas freqüentadas por um grande número de presas: as evangélicas e as pseudo-evangélicas.

Cabe reinterar que havia reuniões kardecistas e visitas constantes da pastoral carcerária da Igreja Católica. Todavia, a presença constante era das igrejas protestantes.

Na cadeia Deus era evocado com freqüência. Segundo relatos de inúmeras presas, havia uma tradição de oferecer o salmo 91 da Bíblia Sagrada para todas que adentram o sistema prisional. Já que este salmo era o defensor das presas em situações de perigo eminente: brigas internas, rebeliões, “judiação” das agentes para com as presas.

SALMO 91

O justo confia em Deus.

Você que habita ao amparo do Altíssimo

E vive à sombra do Onipotente.

Diga a Javé:

“Meu refúgio, minha fortaleza, meu Deus, eu confio em ti”

Ele livrará você do laço do caçador

E da peste destruidora.

Ele o cobrirá com suas penas
 E debaixo de suas asas você se refugiará.
 O braço dele é escudo e armadura.
 Você não temerá o terror da noite,
 Nem a flexa que voa de dia.,
 Nem a epidemia que caminha nas trevas,
 Nem a peste que devassa ao meio-dia.
 Caíam mil a seu lado
 E dez mil a sua direita,
 A você nada atingirá.
 Basta que você olhe com seus próprios olhos
 Para ver o salário dos injustos
 Porque você fez de Javé o seu refúgio
 E tomou o Altíssimo como seu defensor.
 A desgraça jamis o atingirá
 E praga nenhuma vai chegar a tua tenda,
 Pois Ele ordenou aos seus Anjos
 Que guardem você em seus caminhos.
 Eles o levarão nas mãos
 Para que seu pé não tropece numa pedra.
 Você caminhará sobre cobras e víboras
 E pisará leões de dragões.
 Eu o livrarei porque a mim se apegou.
 Eu o protegerei, pois conhece o meu nome
 Ele me invocará e eu responderei:
 “Na angústia, estarei com ele
 Eu o livrarei e glorificarei.
 Vou sacia-los de longos dias
 E lhe farei ver a salvação.

Assim, evangélicas e “não-evangélicas” conferiam ao salmo um poder especial. Numa das conversas informais com as ditas “não-evangélicas”, ouvi o seguinte relato:

Quando entrei aqui, logo na primeira noite, recebia bíblia de uma presa evangélica que estava saindo da prisão. Ela me disse que se algo ruim me acontecesse, eu deveria pegar o salmo 91 e orar. Do lado da minha cela, tinha uma sapatona que queria me pegar. Orei o salmo 91 e ela nunca mais me perturbou. (Luana – interna do Talavera Bruce)

O salmo 91 era a arma lícita que as presas podem utilizar para se defender. Além da docilização dos corpos e da massificação imposta pelas igrejas evangélicas, havia, no cotidiano prisional, apropriações singulares da Bíblia. Como já disse, as evangélicas, efetivamente convertidas eram poucas. Todavia, havia uma apropriação da religião, na cadeia, enquanto uma tática de sobrevivência. E tática, segundo Certeau (2003) é a força do fraco:

... “tática”, um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível (...). Ela não dispõe de

base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias (...). O que ela ganha, não o guarda. Tem que constantemente jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos. (CERTEAU, 2003, p. 46)

Cabe ressaltar que as “não evangélicas” eram as mais abandonadas pelas famílias e as que possuem menos recursos materiais. A presença de familiares nas visitas estabelecia um outro “estar na cadeia”. Segundo o relato de uma presa “não-evangélica” que não recebia visitas desde que fora presa:

Não tenho ninguém não, neste mundo. Minha filha de dois anos eu nem sei onde está. Quando a pessoa recebe visita fica até mais fácil puxar a cadeia (...). Não gosto de fazer faxina pra ninguém e como não dá para viver na cadeia sem dinheiro eu ganho uns trocados “chupando” as vadias daqui. Elas adoram o que faço. Aí dá pra eu comprar um “bagulho” pra colocar na veia. (Maria das Dores – Interna do Talavera Bruce)

Na cadeia, estas mulheres sem visitas, absolutamente à deriva, eram nomeadas de “mendigas”. Caso se nomeassem “evangélicas” e passassem a freqüentar as atividades protestantes ocorridas na igreja seriam incorporadas: de “mendigas” tornariam-se “irmãs” recebendo ajuda das igrejas evangélicas. Muitas seguiam este percurso, como uma tática de sobrevivência ao mais absoluto abandono. Assim, tornava-se mais fácil construir relações que iriam se compondo no cotidiano da cadeia, no qual a religião, em especial, a evangélica tornava-se um laço social possível. Havia a necessidade de reinventar mundos dentro daquele mundo prisional. Tratava-se da criação de um estrato social no qual as relações de poder se operavam em outro âmbito: o do sobrenatural. Neste, não havia a repetição da eterna vitória dos ricos sobre os pobres e sim uma outra lógica que lança dos céus castigos e maldições para os inimigos (CERTEAU, 2003). Muitas vezes, frente a repetidas reedições de uma história sem mudanças, somente a legitimidade de um milagre pode perpetuar o desejo de se manter vivo:

No que dizia respeito à relação efetiva das forças, o discurso de lucidez trapaceava com as palavras falsificadas e também com a proibição de dizer, para mostrar em toda parte uma injustiça – não só a dos poderes estabelecidos, mas, de um modo mais profundo a história reconhecia, nesta injustiça uma ordem das coisas, em que nada autorizava a esperar a mudança. (CERTEAU, 2003, p. 77)

Muitas das presas que se incluíam na categoria de “evangélicas” o faziam para estabelecer uma outra forma de convivência com o cotidiano prisional.

Existiam, entretanto, algumas conversões que ocorriam no cárcere e quando isto ocorria, as convertidas construíam uma existência diferenciada das ditas “evangélicas” que se utilizavam deste título para adotar um “bom comportamento” dentro da prisão.

As efetivamente convertidas, num número reduzido, apresentavam comportamentos específicos: passavam a maior parte do tempo no templo evangélico dentro do Talavera Bruce, entoando cânticos. Distanciavam-se do templo somente para as atividades laborativas. A crença absoluta no Deus evangélico, segundo relatos, estabelecia uma outra experiência de encarceramento, já que o cárcere transformava-se num designo de Deus:

“Se não foi no amor, só na dor” (Ana – Evangélica convertida e interna no Talavera Bruce).

O delito era lido, por estas presas convertidas, como um “mau passo” absolutamente apagado do “livro¹⁴” de Deus. Um “mau passo” necessário para que na dor do cárcere a conversão fosse possível. Criavam uma realidade na qual havia uma porta cuja saída direta era o paraíso. Construíam um paraíso possível.

A seguir transcreverei a entrevista que fiz com uma presa no portão do Talavera Bruce, saindo da prisão. Tratava-se de uma mulher jovem que havia sido presa por seqüestro. Estava em pé, na porta da cadeia, esperando por familiares que haviam combinado de buscá-la. Próximo a ela um ventilador, duas sacolas e uma pequenina tv. Ela segurava bravamente a bíblia. Seus cabelos eram muito longos, assim como sua roupa era característica das evangélicas tradicionais. Quando pedi para a mesma escolher um pseudônimo, ela escolheu “Serva de Deus”.

Entrevista com a “Serva De Deus”

Puxa, você está saindo hoje da prisão. E aí, amiga, o que você vai fazer da vida?
Vou pra minha casa cuidar das minhas filhas, foram 7 anos, fui condenada a 13 anos e fiquei 7 anos vivendo a minha vida de temente a Deus. A missão Dele na minha vida é muito grande, ele tem uma missão pra mim.

Assim, depois que você matar a saudade de todo mundo o que você vai fazer. Por exemplo, semana que vem: o que você vai fazer?

Eu pretendo trabalhar mas creio que é muito difícil conseguir um trabalho. Desejo uma vida diferente, uma vida com Jesus, pois Ele é a chave fundamental da

¹⁴ A palavra “livro” de Deus aparece não só na fala das convertidas como também nas das pseudo-evangélicas. Como se houvesse uma inscrição num certo livro sagrado de todas as atitudes executadas por nós, humanos na terra. Um outro “Processo Criminal” cujo juiz é Deus.

vida. Às vezes o ser humano pensa que ter as coisas materiais é tudo. Mas e Jesus? Primeiro é Jesus depois são as coisas materiais.

Você se converteu na cadeia?

Não, eu já era evangélica mas o diabo se apoderou de mim e do meu marido. O diabo envolveu meu marido para ele se envolver num seqüestro. Foi por isso que eu acabei vindo. Hoje em dia eu tenho mais experiência nas coisas de Deus e por isso não serei mais refém do diabo.

Vai ficar aí fora esperando quem?

Ah... estou esperando minha filha de 14 anos vir me buscar. Tenho medo de andar por aí, não sei mais nada, foram 7 anos fora do mundo.

Então boa sorte e tudo de bom nesta nova vida, tá?

A “Serva de Deus” pretende construir uma vida com Jesus que, segundo a mesma, é a “chave” fundamental para todo ser humano:

A conversão atribuiria ao sujeito um novo papel social, uma nova identidade. Ao aceitar Jesus, o convertido torna-se um novo homem, inserido numa cadeia de pertença. (VILHENA, 2003, p. 115)

Conforme Vilhena (2003) a religião possibilita a construção de uma linha de pertencimento. Linha esta que oferece não só uma rede de sociabilidade mas, em consequência disso, uma nova identidade. A autora conceitua identidade enquanto ... *uma imagem construída pelo seu meio social, nas relações com seus próximos, na cultura na qual o sujeito se insere são fatores de sua constituição como sujeito.* (VILHENA, 2003, p. 98)

Assim sendo, conforme Vilhena (2003) devemos fazer uma reflexão crítica acerca das inúmeras conversões. Reflexão esta que não se ancora numa apologia a conversão, mas sim ao total abandono do Estado no que tange as condições básicas de existência da população empobrecida que, desfilhada e excluída socialmente, busca na igreja evangélica um sentimento de filiação pertencimento.

Outra característica do discurso religioso é atribuir o crime a figura do diabo. Este se torna a justificativa para as mazelas vividas. Mazelas estas que transformam os “pecados” em páginas viradas a partir do “aceite” de Jesus. Se o “mau passo” é obra do demônio, a entrada no bem é obra de Jesus.

Se a fala do diabo é aquela que dá sentido ao sofrimento e que explica as razões ao infortúnio é na fala do crente, em busca por Jesus, que a responsabilidade pela mudança se encontra – pois Jesus cura absolutamente tudo. Dos infortúnios mais banais como atraso na menstruação à inserção no mercado de trabalho. A conversão cria um elo privilegiado de comunicação direta com Deus que é fortalecido pelas orações e pelo compromisso de uma vida sem pecados. (VILHENA, 2003, p. 101)

Assim, as religiões evangélicas e seus seguidores fazem que os demais não conseguem: perdoar! Ou em outras palavras, os evangélicos acreditam, via Jesus, numa reinserção do preso dentro do seio da vida social.

Num mundo dicotômico que separa os vencedores dos vencidos, acreditar numa outra possibilidade de vida pode vir a ser uma utopia necessária. Nesta utopia felizes são os pobres porque é deles o reino dos céus. Ou segundo, Certeau (2003), pode ser uma forma de sustentação do que o autor chama de esperança:

Ali, numa linguagem necessariamente estranha à análise das relações sócio-econômica, podia-se sustentar a esperança que o vencido da história – corpo no qual se escrevem continuamente as vitórias dos ricos ou seus aliados – possa na “pessoa” do santo humilhado, Damião, possa erguer-se graças aos golpes desferidos pelo céu contra os adversários. (CERTEAU, 2003, p. 77)

A experiência de Deus na cadeia, se não apazigua a “alma” torna-se uma tática de sobrevivência ao cotidiano e as relações intra-muros. As formas não-oficiais de construção do cotidiano dentro da prisão transcende todo e qualquer processo de categorizações e/ou classificações. Trata-se de pequenos “fazeres” da cultura popular que ali se atualizam. Vendas de roupas, negociações de objetos íntimos, apropriação da cela enquanto lar, arrumação e disposição dos objetos na cela e outros tantos episódios adentram o espaço da cadeia. E assim tornam-se um caleidoscópio cujas imagens e composições montam e desmontam cenários vivos de vidas esquecidas.